

**Mestrado Profissional**  
Educação Física em Rede Nacional



Universidade Federal  
do Espírito Santo

Universidade Federal do Espírito Santo  
Centro de Educação Física e Desportos - CEFD  
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional  
em Educação Física em Rede Nacional - PROEF

**UEDER MOREIRA MAGALHÃES**

**PROPOSTA METODOLÓGICA**  
**PARA O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR:**  
**possibilidades de intervenção na prática pedagógica**

**VITÓRIA-ES**  
**2020**

**UEDER MOREIRA MAGALHÃES**

**PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL  
ESCOLAR: possibilidades de intervenção na prática pedagógica**

**VITÓRIA  
2020**

UEDER MOREIRA MAGALHÃES

**PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL  
ESCOLAR: possibilidades de intervenção na prática pedagógica**

Dissertação de Mestrado apresentado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Federal do Espírito Santo e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, como requisito parcial para Defesa de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. UBIRAJARA DE OLIVEIRA

**VITÓRIA  
2020**

□

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo,  
ES, Brasil)

---

Magalhães, Ueder Moreira.

M189p Proposta metodológica para o ensino do voleibol escolar : possibilidades de  
intervenção na prática pedagógica / Ueder Moreira Magalhães. – 2020.

88 f. il.

Orientador: Ubirajara de Oliveira.

Acompanha Produto Técnico: Guia didático. Modo de acesso:  
<<http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnicoeducacional>>

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ;  
[coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

1. Educação física (Ensino médio). 2. Metodologia. 3.

Voleibol. 4. Jogos. I. Oliveira, Ubirajara de. II. Universidade

Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

**CDU: 796**

## RESUMO

Ao longo dos dezessete anos de experiência na docência escolar percebi que o conteúdo esporte é predominante nas aulas de educação física, no entanto, o voleibol é desprestigiado por preconceito e dificuldade no aprendizado. Esse estudo teve como objetivo descrever e analisar um modelo de ensino para o voleibol no ensino médio em uma escola pública do interior da Bahia com 230 alunos, do 2º ano, entre 15 e 18 anos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, que é voltada para a intervenção na realidade social. Foi realizada uma revisão da literatura pertinente às temáticas da prática esportiva na escola e a pedagogia do esporte no desenvolvimento metodológico do ensino do voleibol. Foram utilizados três procedimentos: questionário investigativo, intervenção prática dialogada e intercâmbio supervisionado com a comunidade. Concluiu-se que a partir da literatura de apoio aliada as intervenções na escola e o retorno efetivo dos núcleos externos, tiveram na metodologia de ensino mista, uma melhor compreensão e aderência dos estudantes à prática do voleibol na citada escola. Estes resultados geraram um manual de ensino do voleibol para professores e estudantes de Educação Física.

Palavras chave: voleibol; metodologia; escola

## **ABSTRACT**

Over the seventeen years of experience in school teaching I realized that sports content is predominant in physical education classes, however, volleyball is discredited by prejudice and learning difficulties. This study aimed to describe and analyze a teaching model for volleyball in high school in a public school in the interior of Bahia with 230 students, from the 2nd year, between 15 and 18 years old. It is a qualitative research of the type of action research, which is focused on intervention in social reality. A review of the literature pertaining to sports practice at school and sports pedagogy in the methodological development of volleyball teaching was carried out. Three procedures were used: investigative questionnaire, dialogued practical intervention and supervised exchange with the community. It was concluded that, based on the supporting literature, the interventions at school and the effective return of external nuclei, had in the mixed teaching methodology, a better understanding and adherence of students to the practice of volleyball in the mentioned school. These results generated a volleyball teaching manual for Physical Education teachers and students.

Keywords: volleyball; methodology; school

# SUMÁRIO

|      |  |    |
|------|--|----|
| 1    | INTRODUÇÃO .....   | 8  |
| 1.1  | A Educação Física Escolar em Teixeira de Freitas .....                         | 14 |
| 2    | OBJETIVO GERAL .....   | 18 |
| 2.1  | Objetivos específicos.....   | 18 |
| 3    | O ESPORTE .....  | 19 |
| 3.1  | O contexto esportivo.....  | 19 |
| 3.1  | Educação Física Escolar e o voleibol.....                                      | 20 |
| 3.3  | Métodos de ensino dos esportes coletivos .....                                 | 25 |
| 4    | MÉTODO .....   | 37 |
| 5    | RESULTADOS E DISCUSSÃO.....  | 46 |
| 5.1  | Diagnóstico prático – atividade 1 .....  | 46 |
| 5.2  | Análise dos vídeos da atividade diagnóstica 1 .....                            | 47 |
| 5.3  | Voleibol gigante – atividade 2.....  | 49 |
| 5.4  | Aula teórica sobre regras básicas do voleibol – atividade 3 .....              | 52 |
| 5.5  | Vídeo sobre os movimentos técnicos específicos do voleibol – atividade 4 ..... | 53 |
| 5.6  | Mini voleibol – atividade 5.....   | 54 |
| 5.7  | Jogo “Controle” – atividade 6 .....  | 60 |
| 5.8  | Jogo “1,2,3,4 cortada!” – atividade 7 .....                                    | 61 |
| 5.9  | Voleibol reduzido - Atividade 8.....   | 63 |
| 5.10 | O trabalho de campo desenvolvido pelos estudantes .....                        | 67 |
| 6    | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 73 |
|      | REFERÊNCIAS .....  | 75 |
|      | ANEXOS .....   | 80 |
|      | APÊNDICE .....   | 88 |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos meus dezessete anos de experiência na docência escolar, no ensino fundamental II e médio, percebi que dentre os conteúdos da cultura corporal de movimento que fazem parte da área de conhecimento da Educação Física, o conteúdo de esporte é predominante nas aulas de educação física escolar.

Posso destacar as práticas de futsal, handebol, voleibol e basquetebol. Isso quando o professor ministra esses conteúdos, pois durante minha formação básica fui desprivilegiado de ter o conteúdo de voleibol e basquetebol nas aulas Educação Física, pois só me ofereceram conhecer o futsal e o handebol em todo ensino fundamental e médio, mesmo assim, foi uma prática dissociada do conhecimento da modalidade. Sem falar que era no turno oposto que tínhamos aula, os meninos faziam educação física separados das meninas e as aulas eram no modelo de treinamento, como nas escolinhas de esporte. Separados por gênero e horários diferentes, fazíamos exercícios, alongamentos e a prática do esporte em si, onde as equipes que ganhavam ficavam e as que perdiam saíam.

BARROSO e DARIDO (2013) defendem que o esporte é um importante conteúdo das aulas de Educação Física, sendo inclusive na época do governo militar, praticamente o conteúdo exclusivo desta disciplina. Neste período as aulas de Educação Física tinham o objetivo de desenvolver o rendimento físico, treinamento de gestos esportivos, detecção de talentos, dando prioridade aos alunos com maiores habilidades motoras, deixando em segundo plano aqueles que não apresentavam tais características.

Não podemos negar que o espaço e a importância adquiridos pelo esporte em nossa sociedade são cada vez maiores e mais evidentes, isso é comprovado pelo destaque que lhe é concebido pela mídia (DARIDO e RANGEL 2011). Sobre isso, Borges (2015) corrobora que nos dias atuais, a mídia abre espaço para as modalidades esportivas coletivas, canais especializados em conteúdo esportivo, logo, o índice da popularidade desses esportes cresce de forma significativa em relação às décadas passadas.



Dentre esses esportes, o voleibol tem ganhado muito espaço na mídia brasileira, com as conquistas de títulos importantes da nossa seleção ao longo de décadas. O voleibol como conteúdo é constituído de conceitos, fatos, histórias, memórias, da vivência de seus fundamentos, técnicas e táticas, assim como de valores que foram construídos e transformados desde sua criação e que, portanto, configuram-se como questões importantes a serem transmitidas nas aulas de Educação Física escolar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Eu, todavia, não pratiquei voleibol na escola. Junto com os amigos, juntávamos e amarrávamos uma corda que atravessava de um poste de energia até o outro lado da rua. Fazíamos as linhas com cacos de telhas, no chão de cimento e brincávamos de voleibol nas ruas de Ibirapuã-Ba, cidade do interior com pouco mais de oito mil habitantes. Toda vez que vinha um carro, o jogo era paralisado para desamarrar ou levantar a corda para o carro passar. Como era cidade pequena, o movimento de carros era bem pouco e dava pra jogar bastante. Hoje em dia isso não seria mais possível devido à mudança do trânsito da cidade, o que impactou no aumento de circulação de veículos pela rua e também o crescente aumento de veículos automotores na cidade.

Percebo que, em muitas escolas pelo Brasil afora, os estudantes aprendem nas escolas, nas aulas de Educação Física, o que o professor da disciplina gosta, e não aquilo que deveriam aprender, ou seja, a multiplicidade de elementos da Cultura Corporal de Movimento. Muitas vezes devido ao professor estar envolvido com uma modalidade específica durante muitos anos de sua vida, ou por falta de domínio em outros elementos da cultura corporal, acabam por priorizar determinadas modalidades em detrimento de outros conteúdos.

Quando me tornei professor em 2002, a escola de ensino fundamental na qual lecionava, não tinha quadra. Eu precisava levar os alunos para fora do colégio e utilizar a trave do campo de futebol como rede e adaptar o voleibol ali mesmo. Uma parte dos alunos ficava de um lado da trave e outra parte ficava no lado oposto. As linhas eram feitas arrastando o pé no chão de terra. Foi o máximo que consegui chegar perto da modalidade de voleibol nessa escola.

Em outro momento, lembro que subi no muro da escola, dividi a turma em dois grupos, um ficava de um lado do muro, dentro da escola, o outro grupo ficava fora da

escola, do outro lado do muro. Assim, os alunos praticavam uma espécie de voleibol no “escuro”. Eu de cima do muro, sentado, fazia a mediação de pontos.

Alguns anos mais tarde, em 2005, iniciaram os trabalhos em rede particular com alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Lá havia quadra poliesportiva coberta e pude aplicar a iniciação ao voleibol com regras adaptadas, porém tínhamos rede e bolas das mais variadas para um trabalho satisfatório.

No período da minha graduação em Educação Física, (2006-2008), o semestre possuía uma disciplina de esporte coletivo, que era Metodologia do Ensino do Voleibol e Basquetebol. Essa junção dos esportes em um semestre contribuiu negativamente para que a quantidade de conhecimentos sobre o voleibol fosse bem insuficiente, ficando muitos temas importantes que não deu tempo de abordar, nem no voleibol, nem no basquetebol, devido à carga horária ser dividida para duas modalidades.

Em 2012, iniciei a docência no Ensino Médio, onde através de uma sondagem e por meio de experimentação da prática, tenho percebido que os estudantes estão chegando com mínimos conhecimentos acerca dos esportes coletivos, visto que o futsal e a queimada foram os conteúdos predominantes durante as séries finais do ensino fundamental da maioria dos estudantes que chegam até mim.

Também em 2012 iniciei como professor do Ensino Superior, no curso de Educação Física de uma faculdade particular. Logo nos primeiros dias de aula, em atividades de sondagem, percebi que entre os graduandos, procedentes de cidades vizinhas e local, que os mesmos também não tiveram conhecimentos adequados e suficientes sobre os esportes coletivos enquanto estudantes da educação básica. Aí me pergunto: o que está acontecendo com o ensino dos esportes coletivos nas escolas? E questionando-lhes ouço principalmente que tiveram aula nas quais o professor simplesmente entregava a bola e deixava-os livres para escolher o que queriam fazer.

Nesse contexto, percebo também que as meninas relatam que sempre jogavam separadas dos meninos nas atividades realizadas, meninos jogavam futsal e meninas jogavam queimada ou baleado<sup>1</sup>. E quando chegam ao ensino médio, as meninas tem

---

<sup>1</sup> **Baleado** é um tipo de queimada regional.

receio de participar de esportes de contato junto com os meninos, com medo de se machucar ou até mesmo de não ser vistas, não receber a bola, serem criticadas, etc.

O ensino do voleibol na escola deve ser ampliado para que o estudante compreenda, aproprie-se e tenha autonomia para praticar esta e outras modalidades, tanto nas aulas de educação física, quanto fora do ambiente escolar, se assim desejar.

Entende-se atualmente que o voleibol, como elemento constituinte da cultura corporal, deve ser desenvolvido na escola por meio de uma perspectiva renovadora, ou seja, que ultrapasse o ensino tradicional, pautado especialmente na prática dos gestos técnicos das modalidades, ampliando seu ensino por meio de outros elementos como: aspectos históricos, fatos e conceitos relevantes; a compreensão da dinâmica da modalidade, elementos táticos; valores e atitudes. (IMPOLCETO 2016, p. 2).

Da maneira como o esporte vem sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física não tem contribuído para que o mesmo possa ser praticado com autonomia pelos estudantes dentro e fora do espaço escolar.

Em um trabalho de análise do esporte dentro da escola, Paes (2002) citado por Barroso e Darido (2013) destaca alguns problemas de sua aplicação, que prejudicam o desenvolvimento deste conteúdo nas aulas de Educação Física, sendo eles: a prática esportivizada sem uma definição dos objetivos do ambiente escolar; a prática repetitiva de gestos técnicos, tratando-se da realização dos mesmos exercícios em diversas séries do ensino; a fragmentação de conteúdos, relacionado à falta de organização, estruturação e continuidade do conteúdo a ser trabalhado. Mesmo com o passar dos anos e os avanços nos estudos da pedagogia do esporte, essa velha prática ainda é muito adotada nas escolas brasileiras.

Percebo também que os estudantes não estão sendo apreciadores de esporte, seja como telespectadores ou torcedores nos estágios e ginásios. Vejo isso nos próprios jogos interclasses das escolas em que trabalhei ou nos jogos intercolégiais dos quais participei ao longo desses 18 anos de atuação, quando os alunos são dispensados das aulas para torcer pela equipe da escola, menos de 1/5 dos alunos comparecem aos locais de jogos. Alguns ainda, só vão para assinar a frequência, quando os professores dizem que vai passar a lista.

De acordo com Impolceto (2016), o voleibol deve ser de tal modo vivenciado e compreendido pelo aluno, para que, de forma autônoma, ele tenha condições de

transformar e usufruir dessa prática em benefício da saúde, do lazer, da estética, como meio de comunicação e expressão e também, se desejar, participar do alto rendimento fora do contexto escolar.

Segundo esse mesmo autor, o conhecimento adquirido nas aulas de Educação Física permitirá que o aluno tenha condições de apreciar a modalidade como telespectador ou torcedor, porém é necessário uma ressignificação da prática esportiva no ambiente escolar, para que os estudantes compreendam esse fenômeno esportivo como um todo e não apenas de uma forma fragmentada. Espera-se ainda que os conhecimentos adquiridos e vivências experimentadas nas aulas de Educação Física contribuam para a reflexão sobre valores e atitudes no sentido de contribuir para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

O voleibol, devido a ser um esporte classificado como esporte com rede divisória ou parede de rebote segundo Bracht e González (2012), sem que os alunos tenham contato com time adversário, com espaços delimitados, baixo risco de lesões, favorece que meninos e meninas joguem juntos em coletividade. Somado a isso, como o mesmo estudante não pode dar dois toques consecutivos na bola, ele é obrigado a passar pra alguém, e geralmente os atacantes. Outro detalhe é a dinâmica do rodízio no voleibol que permite que todos os participantes experimentem jogar em todas as posições.

Dentre os esportes coletivos mais praticados no ambiente escolar, tenho a facilidade que os estudantes têm em aprender e jogar três deles, futsal, handebol e basquetebol. Costumo dizer que para se jogar esses três aí, se soltar uma bola em quadra o jogo flui, mesmo que com algumas infrações. Já na prática do voleibol isso não acontece.

Ginciene e Impolcetto (2019) citam que uma das diferenças desses esportes é que nos esportes de rede divisória, é preciso um mínimo de habilidade técnica para que o jogo aconteça, e nos esportes de invasão não precisa ser habilidoso.

Devido a ser um jogo mais técnico, onde os erros geram pontos e as constantes paralizações, impedem que aconteça o *rally*<sup>1</sup>, caso os participantes não tenham a vivência dos movimentos. Movimentos esses que não fazem parte dos movimentos realizados por eles no cotidiano.

Sobre isso, Ginciene e Impolcetto (2019) relata que o voleibol é uma modalidade de complexo aprendizado e um dos motivos dessa dificuldade é que no voleibol as habilidades não são “naturais” reforçando que a habilidade de volear, predominante no voleibol é uma habilidade pouco estimulada na Educação Física Escolar.

Pensando nisso, resolvi pesquisar sobre os Métodos de Ensino do Voleibol existentes na literatura, e a partir daí tentar traçar algumas contribuições baseado nos métodos existentes e fazer um diálogo entre eles, destacando pontos relevantes. Além disso, propor uma metodologia para ensino do voleibol na escola e aplicar em turmas diferentes, durante algumas aulas.

Tenho percebido que o voleibol é o mais difícil de ser praticado pelos estudantes, por diversos motivos. Posso destacar 1- os seus movimentos não são movimentos naturais do ser humano. 2- A baixa atenção dada pelos professores de educação física nas aulas, reservando pouco ou nenhum espaço para a prática e conhecimento do voleibol. 3- A dinâmica do jogo, onde cada erro gera um ponto para o time adversário e a paralisação do jogo. No mesmo sentido, Bizzocchi (2004) aponta que o voleibol é considerado como uma modalidade esportiva de complexo aprendizado. Além disso, outra diferença em relação aos esportes escolares tradicionais está no fato de que no voleibol se defende e se busca um alvo horizontal, que é o próprio chão, enquanto no futsal, handebol e basquetebol o alvo está na vertical, tanto para atacar quanto para defender.

Quanto às regras, no voleibol não é permitido segurar a bola e o participante precisa pensar em uma fração de segundo a decisão a tomar. No basquetebol e handebol, por exemplo, é permitido segurar a bola por alguns segundos, o que dá mais tempo para raciocinar e tomar uma atitude melhor durante o jogo.

Ainda sobre a dificuldade na aprendizagem do voleibol e a baixa quantidade e péssima qualidade dos materiais, pois as bolas são um tanto duras para os alunos que tem o primeiro contato com elas, alguns reclamam que a bola assa quando em contato com o antebraço. Percebo alguns saírem com os antebraços avermelhados pelas sucessivas batidas da bola nos antebraços no movimento de manchete. Além disso, o número de bolas é insuficiente para atender a quantidade de alunos, o que compromete o sucesso do trabalho pedagógico.

## 1.1 A Educação Física Escolar em Teixeira de Freitas

Para entender um pouco do contexto da educação física escolar na cidade de Teixeira de Freitas, cabe aqui citar que, não existe a disciplina de educação física na educação infantil e nem nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas da cidade. Isso seria um agravante para a futura aprendizagem do voleibol, pois até o 5º ano da educação básica os estudantes não tiveram estimulados adequadamente as habilidades motoras básicas e muito menos as específicas, necessárias para uma harmoniosa aprendizagem do voleibol. E se somado a isso, do 6º ao 9º ano o estudante não vivenciou o voleibol, está instalado o “caos motor”.

Como aponta Sullivan e Andersen (2004), estudos sugerem que algumas habilidades motoras não serão bem desenvolvidas a menos que sejam treinadas durante a época apropriada na infância. Ainda sobre esse assunto, Greco e Brenda (1998), nos apontam que dos seis aos doze anos é a fase mais rica dentro do processo de formação esportiva, pois nessa fase a criança encontra-se em refinamento progressivo. Acredito que devido a não existência da educação física nas escolas municipais na maior parte dessa faixa etária, os estudantes chegam ao Ensino Médio com um repertório motor e as capacidades coordenativas desenvolvidas de forma precária.

Weineck (1999) demonstra que a prontidão capacidades coordenativas ocorre entre os doze anos, por que córtex e cerebelo, órgãos responsáveis por elas, estão, nesse momento, em suas fases principais de desenvolvimento. Ele afirma, ainda, que, após essa etapa da vida, muito pouco se pode fazer para a melhoria das capacidades coordenativas. Ramos (2000) demonstra que nessa idade (12 anos), o sistema nervoso já possui de 90 a 95% de sua formação final, de modo que aspectos coordenativos não adquiridos até então, dificilmente, o serão mais tarde.

São vários os estudiosos que, como Schmidt & Wristberg (2001), abordam a teoria da transferência da aprendizagem afirmando que, quanto maior a quantidade de movimentos que o indivíduo tiver armazenado em seu acervo motor, maiores as

chances de haver uma identificação positiva para efeito de aprendizagem de uma nova habilidade motora.

Uma única modalidade não pode sozinha desenvolver todas as capacidades coordenativas. Somente diversas modalidades esportivas garantem um desenvolvimento básico geral das capacidades coordenativas. Por esta razão deve-se adotar na infância uma formação poliesportiva, para que corresponda a estas expectativas. (Weineck, 1999, p. 554).

Isso reforça a importância do professor de educação física nas séries iniciais do ensino fundamental, coisa que aqui na cidade de Teixeira de Freitas, por mais incrível que pareça, inexistente. Isso pode estar contribuindo para que as habilidades motoras dos estudantes que chegam ao ensino médio estejam tão precárias.

Também observo que existe um preconceito muito forte, por parte dos meninos, que às vezes indagam que voleibol não seria esporte de homem e por esse motivo, muitas vezes não se sentem motivados a aprender e participar deste esporte.

A popularidade do jogo de voleibol tem crescido nos últimos anos no contexto brasileiro. Na escola em que leciono tem sido uma modalidade muito praticada nos intervalos das aulas, há uma quadra de voleibol de areia que fica em frente ao auditório e nas minhas andanças entre uma aula e outra percebo que os alunos jogam bastante no tempo livre, seja nas aulas vagas ou em todos os intervalos da semana, o popular recreio.

A vertente que se preocupa com o estudo sistemático dos aspectos educacionais e dos processos de ensino e aprendizagem e prática pedagógica relacionada ao esporte são caracterizadas como Pedagogia do Esporte (DARIDO e RUFINO 2012).

Os objetivos da pedagogia do esporte estão centrados na pessoa e na sua relação com o ambiente esportivo. Se incumbe de apontar princípios norteadores pedagógicos, organizar, planejar, propor, sistematizar, executar e transformar métodos de ensino para que seja possível auxiliar no desenvolvimento integral do ser humano (LIRA et al. 2015).

Minha discussão nesse trabalho vai abordar também a dimensão dos espaços escolares para a prática do voleibol. O professor, quando chega à escola e vê a quadra

pintada e demarcada de tal maneira, acaba se conformando com as práticas que ali estão pré-determinadas, o que condiciona de alguma forma as suas possibilidades. Conforme aponta Bracht (2003), a arquitetura escolar privilegia a estruturação de espaços normatizados, fixos, monofuncionais em detrimento de espaços móveis, flexíveis e multifuncionais.

Atuando na rede estadual de ensino da Bahia, na cidade de Teixeira de Freitas, Extremo Sul, no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, com estudantes do ensino médio, tenho percebido que as salas de aula são superlotadas, tendo em média 40 alunos por turma. Partindo dessa realidade, como ensinar o voleibol para 40 alunos do ensino médio sendo que apenas 12 jogam por vez? O que fazer com a grande maioria da turma que fica do lado de fora esperando? Como traçar estratégias para que todos ou a grande maioria esteja praticando voleibol e consigam jogar efetivamente? Quais caminhos, metodologias utilizar para que o ensino/aprendizagem dos alunos possa ser otimizada bem como sua participação?

A pesquisa pretende investigar, construir, aplicar, avaliar um modelo ou método de ensino do voleibol, baseado na literatura existente, em turmas de 2º ano do Ensino Médio no turno matutino do colégio estadual Democrático Ruy Barbosa. Borges (2015) defende que ensinar exige certa organização, experiência prática, teoria, técnicas, arte, opções por determinados caminhos, enfim, exige método e ainda sinaliza que método de ensino é a ação do professor ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente um conjunto de ações e condições externas procedimentais, visa um melhor entendimento do aluno.

Acredito que esse estudo possa ser de relevância para o meio escolar, no sentido de apontar possíveis estratégias para a aprendizagem do voleibol no ensino médio para um processo de ensino/aprendizagem satisfatória do voleibol. Também, acredita-se que, os alunos que aprendem a jogar o voleibol, podem nos seus momentos de lazer, na praia, nos bairros, praticar o voleibol de forma recreativa como meio de manter-se fisicamente ativo, buscando manter ou elevar os níveis de saúde e socialização.



Nessa mesma linha, aqueles alunos que se interessarem mais pelo voleibol, abrir oportunidades para que possam fazer parte do projeto de esportes do colégio, que funciona em turno oposto duas vezes por semana. E após alguns meses de prática no projeto, convidar alguns que mais se destacarem, para junto com o professor, oferecer uma oficina de voleibol como monitores para os alunos de série anteriores. Abordando elementos como técnica, tática, regras do voleibol, o fenômeno esportivo no cenário mundial.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Descrever e analisar um modelo de ensino para o voleibol no ensino médio em uma escola pública do interior da Bahia.

### **2.1 Objetivos específicos**

Identificar lacunas nos métodos existentes e levantar contribuições a partir de aplicações práticas de alguns métodos nas aulas de educação física;

Analisar benefícios da prática sistematizada do voleibol no âmbito escolar e na comunidade local.

Construir um guia de ensino do voleibol escolar de apoio para os professores e estudantes de educação física.

## **3 O ESPORTE**

### **3.1 O contexto esportivo**

O esporte está presente no nosso cotidiano, entramos em contato com ele por meio da transmissão de jogos pela televisão, programas esportivos, jornais, rádio, ou mesmo em praças e clubes esportivos, onde inúmeras pessoas praticam diferentes modalidades.

Tubino (2002) explica o esporte a partir de três manifestações: esporte-educação, que tem como caráter formativo; esporte-rendimento, objetivando o rendimento dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva; esporte-participação, cujas finalidades são o bem-estar e a participação do praticante; Isso nos leva a refletir, que para desenvolvermos o esporte, temos que inicialmente verificar em qual situação ele ocorrerá, quais os participantes a serem contemplados, para então definir as estratégias e objetivos a serem atingidos.

Em cada local, o esporte terá significados distintos, ou seja, se esse esporte for desenvolvido em uma praça esportiva, poderia ser caracterizado como um componente do lazer. Por outro lado, ao tratarmos da modalidade voleibol na liga nacional, por exemplo, apareceria característica de alto rendimento, sendo direcionado para o profissionalismo.

Segundo Paes (2006), processo de educação acontece em diferentes locais, não se restringindo à escola. De acordo com o autor podemos identificá-lo em três ambientes de ensino: o formal, sendo instituições com fins especificamente educacionais, ou seja, a escola; o não formal, tratando-se de clubes, projetos extracurriculares em escolas, oferecimento em locais de administração pública, com organização e sistematização do trabalho; e o informal, realizado pelos pais e demais parentes, contatos com amigos, leitura de jornais, programas de televisão.

É com foco do esporte na escola, que tenho intuito de direcionar esse estudo. Ora, se o esporte está presente na vida dos indivíduos, e conseqüentemente na escola, a sua presença tem como objetivo contribuir para a formação do cidadão para atuar na sociedade a qual pertence.

### 3.1 Educação Física Escolar e o voleibol

Tratar o esporte na escola sem reflexão por parte do indivíduo pode ocasionar problemas como exclusão dos menos habilidosos, desinteresse pela prática esportiva, especialização precoce, entre outros. De acordo com Ginciene e Impolcetto (2019), os esportes coletivos ainda seguem uma tradição de ensino que reproduz o esporte de rendimento, gerando problemas na compreensão do jogo por parte dos estudantes, além da exclusão causada pelas práticas repetitivas.

Ao se ensinar o aluno a jogar voleibol na prática, também não se deve esquecer-se de ensinar os benefícios da modalidade, porque se pratica tal modalidade, suas relações com a mídia, imprensa, além de propiciar o relacionamento com os colegas (TESLA e MISSAKA 2016).

A atividade física habitual, como a que os adolescentes têm na maioria dos esportes organizados, demonstra uma correlação positiva com o desempenho acadêmico. Estudos demonstraram também que as taxas de evasão escolar, de gravidez e de envolvimento em comportamentos de risco (como fumar e usar drogas) são menores em adolescentes que praticam esportes (SULLIVAN e ANDERSEN, 2004).

Esse é um achado muito importante que valoriza as aulas de educação física no âmbito escolar e até não escolar. É claro que a prática de esporte por si só não garante esses resultados, sem uma orientação adequada do professor, que direciona as reflexões nos encontros. Os estudantes que aprendem a jogar e a gostar de um esporte qualquer, aprendido na escola, e por alguma razão começam a praticá-lo fora da escola, tem menos tempo para se envolver em comportamentos inadequados ou de risco como bem citou o autor anteriormente.

Como o esporte possibilita a interação e a comunicação, oferece um campo em que diversão e alegria, mas também, dificuldades e problemas se fazem presentes. Essa prática proporciona muitas vivências e possibilita inúmeras ações.

[...] o esporte e as atividades de lazer podem oferecer às crianças e jovens um modelo compreensível da realidade social. Através do esporte, os modelos de ação e regras sociais podem ser esclarecidos e melhor compreendidos. Ele é como um agente socializador, é uma poderosa

influencia na formação de atitudes e no desenvolvimento moral (GALLAHUE e OZMUN, 2005, p. 418).

Nas aulas de educação física escolar, o ensino do esporte deve transcender a prática pura do ensino técnico e de regras, táticas e história dos esportes. É preciso chamar sempre o aluno a refletir sobre suas atitudes durante a prática, pois elas vão levar a um aprendizado bastante significativo, que pode mudar sua realidade e das pessoas ao seu redor.

A Evolução do Esporte sugere uma prática pedagógica que priorize, além dos métodos, procedimentos nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas, e ainda proporcionando a criação de novos gestos (PAES, 2006, p.171).

Segundo Barroso e Darido (2010), o voleibol é uma modalidade esportiva coletiva que apresenta na sua essência o jogo, fator que sócio culturalmente motiva e estimula as pessoas, mostrando-se muito favorecido e propício ao desenvolvimento da sua prática. Nesse contexto, percebe-se que o voleibol é uma atividade que pode promover a integração entre os educandos. Percebo na minha atuação docente como professor e treinador de voleibol em projeto esportivo, que os estudantes criam um vínculo afetivo com os colegas e estreitam os laços de amizades. Ao longo de um ano de prática esportiva junta, tenho observado que muitos se tornam melhores amigos através do esporte.

O desenvolvimento e o sucesso com o voleibol, assim como qualquer outra modalidade esportiva, dependem do comprometimento e da qualidade da sua prática pedagógica, reconhecendo a importância do jogo como um vínculo para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos alunos (SILVA, 2014, p. 40).

A personalidade faz parte do desenvolvimento integral de um indivíduo e cada pessoa apresenta sua própria personalidade. Segundo (Santana, 2005) citado por (Darido e Rufino, 2012) o esporte e a educação são fenômenos indissociáveis, o que significa uma crítica à pedagogia do esporte quando esta se restringe ao racional, abdicando das dimensões humanas sensíveis, como a afetividade, a sociabilidade e a emoção.

Para Pereira e Casarotto (2018), deve-se observar o público de alunos que será atendido e suas características, pois se faz necessário desenvolver técnicas e metodologias visando à aquisição de habilidades motoras, ao desenvolvimento da

aptidão física e das valências físicas e, simultaneamente, à contribuição para o desenvolvimento afetivo social e cognitivo.

Ao se ensinar nas aulas de educação física, é preciso visar a uma educação integral do indivíduo, atentando que esses estudantes serão replicadores de conhecimentos, atitudes e valores, aprendidos e vivenciados ao longo de sua formação ética e moral. O professor de educação física tem uma imensa responsabilidade, pois vejo que é o que atua mais próximo a uma educação integral, contribuindo para formação física, social, emocional e afetiva dos estudantes em suas aulas.

O esporte como atividade de lazer tem grande participação na formação da personalidade dos alunos, pois quando praticado com boa orientação, além de visar o desenvolvimento integral do ser humano, tem como objetivo mostrar ao aluno que o esporte possui princípios de justiça e honestidade, com ou sem vitória, e que é necessário desenvolver atitudes de respeito e companheirismo entre o grupo.

Sobre isso, Darido e Rangel (2001) reportam que observando a prática docente, podemos perceber que sempre houve certa dificuldade no encaminhamento de propostas de coeducação, ou seja, aulas em que os meninos realizam atividades com as meninas, aulas em que respeito pelas diferenças é discutido e vivenciado, isso corrobora com a fala de Mattos e Neira (2008) quando afirmam que o educador é um veiculador de valores e esses valores vão construindo a personalidade dos estudantes.

E quando se fala em personalidade, trata-se do caráter e das atitudes que cada aluno ou pessoa adquire em relação aos outros e a si próprio, que servirão para toda sua vida em diversas situações, como bem sinaliza Mattos e Neira (2008), dizendo que a Educação Física, parte integrante da educação, tem uma função social importante que colabora para o progresso e desenvolvimento da sociedade.

Clazer e Guaita (2008) destacam que a prática do voleibol nas escolas tem a finalidade de oportunizar ao aluno o conhecimento e a prática desse esporte, proporcionar um melhor relacionamento social dos alunos pelo respeito mútuo e

identificar problemas buscando possíveis soluções. Segundo Silva (2014), a escola é um ambiente onde ocorre a pluralidade de relações sociais e, portanto, é o espaço ideal para que o jogo seja realizado.

Durante toda minha caminhada com a educação física escolar, nos tempos da educação básica, sempre jogávamos separados das meninas, no caso do voleibol, por ser um esporte com rede divisória, facilita ainda mais os jogos mistos entre meninos e meninas. Os professores de Educação Física podem propor procedimentos que incluam mudanças de regras para contemplar a todos.

Conforme aponta Sullivan e Andersen (2004), a maioria das atividades esportivas é boa para as crianças porque as motivam a serem fisicamente ativas, e na sociedade em que vivemos na correria que os pais vivem, muitas vezes sem tempo pra esporte, os professores assumem grande importância como incentivadores de uma vida ativa e saudável.

Isso se faz de extrema importância na escola, pois tenho percebido que os níveis de saúde dos jovens que chegam até mim estão preocupantes. Jovens com os mais diversos problemas como hipertensão, diabetes, depressão, ansiedade, desvios posturais, baixa aptidão física, comportamentos sedentários extremos.

Não podemos negar que a prática sistemática, organizada de esportes é fundamental na formação de crianças e adolescentes, podendo contribuir muito na construção de uma sociedade mais humana, que respeita as regras de comportamento social a serem seguidas pela população para que possamos viver em um ambiente mais harmonioso.

A prática esportiva também lhes permite vivenciar sucesso e fracasso. As crianças e jovens precisam ser preparadas a conviver com as perdas e ganhos na vida. Precisam aprender a encarar de forma positiva e como forma de aprendizado e ganho de experiências.

Um trabalho pedagógico consistente, diversificado, em que o professor possa levar os alunos à reflexão, comparação, analogias em relação à realidade, pode provocar mudança de pensamentos, atitudes, valores, motivando o estudante a realizar seus objetivos, melhorar sua vida.

A sociabilização, portanto, busca equilíbrio emocional e moral, lealdade, sinceridade, espírito de equipe, busca pela superação, são todos conceitos que devem ser inculcados nos jovens (ALMEIDA, 2002). Tendo claro, que através dos estudos, esforço, dedicação podem chegar muito longe na sua caminhada. Segundo Gallahue e Ozmun (2005, p. 420):

O esporte pode contribuir com o crescimento moral do adolescente, quando inserida na construção de caráter, espírito esportivo e jogo limpo. O esporte fornece um ambiente ideal para ensinar os valores de honestidade, lealdade, autocontrole e justiça.

Os aspectos sociais do esporte pretendem manter a estrutura da organização social, como cumprimentar cordialmente o adversário depois de uma partida, em vez de zombar da equipe adversária. Caso isso não seja estimulado pelos professores durante as aulas ou competições, os alunos dificilmente terão essa iniciativa. Os professores de educação física precisam estimular o controle emocional dos alunos.

Os desportos têm suas regras, e estas podem ser transferidas e comparadas com as existentes na sociedade, desde que o professor possa estimular esse raciocínio. Se não fossem as regras ou o jogo teria outras características ou não teria sentido aos participantes.

A vida em sociedade também tem regras, em alguns aspectos, semelhantes às do jogo. Por exemplo, não se deve andar de carro na contramão, agredir pessoas ou destruir qualquer patrimônio público. As leis são as regras que têm como objetivo estabelecer a ordem social coibindo os atos indesejáveis. Em ambos os casos são as regras que possibilitam a convivência das pessoas, portanto, é importante que os participantes tanto de uma atividade desportiva quanto de um grupo social tenham regras.

Não que a escola deva reproduzir as regras oficiais do esporte institucionalizado, mas é importante que eles saibam o mínimo possível ou um nível ótimo de regras, para que ao assistir a um jogo num ginásio ou a uma partida pela TV, numa época de Olimpíada, competições mundiais, entre outras, possam saber o que se passa em quadra. Isso não só sobre o voleibol, mas sobre as mais diversas modalidades possíveis que integram a cultura corporal de movimento.



Por isso, os professores de educação física não podem também, se limitar ao ensino de regras dos esportes institucionalizados e não levar os alunos a refletirem sobre a importância dessas para uma boa convivência social. O que muito tem se visto nas escolas é uma prática voltada para o esporte institucionalizado, que na minha visão, não deve ser o foco principal da escola ou no ensino do voleibol.

Partindo dessa compreensão, cabe ao professor, além de ensinar os conteúdos técnico-científicos, educar os alunos para que sejam capazes de entender a maneira como a sociedade e suas leis são construídas, ressaltando a necessidade de refletir sobre ambas e trabalhar no sentido das mudanças quando julgarem necessário.

O trabalho do professor de Educação Física e do técnico esportivo vai além da simples orientação da prática esportiva. Ele busca orientar a criança para a vida, contribuindo por este meio, para questões mais amplas, auxiliando na construção da identidade do indivíduo praticante de atividade física e do esporte (RUBIO, 2000, p. 132).

### **3.3 Métodos de ensino dos esportes coletivos**

A Pedagogia do Esporte é uma das disciplinas da Ciência do Esporte que, enquanto área de pesquisa, vem crescendo nos últimos tempos, sobretudo em relação às investigações sobre os denominados Jogos Esportivos Coletivos (GINCIENE e IMPOLCETTO 2019).

Para Lira et al (2015), a pedagogia do esporte está balizada por dois princípios integrados, que servem como ponto de partida para o ensino do esporte: o princípio técnico-tático e o socioeducativo.

Devido a forte presença dos esportes nas escolas, torna-se necessário repensar o tratamento pedagógico dado ao esporte, pois os métodos utilizados impactarão positivamente ou negativamente no aprendizado dos alunos.

De acordo com Oliveira (1998), método é um conceito que comporta múltiplas acepções, como esforço para atingir um fim, investigação, estudo, caminho pelo qual se chega a um determinado resultado. O método indica uma via de acesso, um caminho de a direção a seguir, das atitudes a serem tomadas para se conseguir alcançar um objetivo.

Diversos autores vêm estudando maneiras de melhorar a prática pedagógica no ensino dos esportes por meio de diferentes estratégias e metodologias. Bracht e Gonzáles (2012) nos apontam que os métodos são uma atitude intelectual que busca identificar, na heterogeneidade das aulas, formas de mediação que facilitem a aprendizagem dos alunos, ainda sabendo que não é possível conseguir o artifício universal para ensinar a todos todas as coisas.

Já conforme Galliano (1979, p. 6), citado por Prestes (2012), um método é um conjunto de etapas, ordenadas e dispostas, a serem vencidas na investigação de verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um determinado fim.

O esporte é uma manifestação da cultura corporal de movimento e, para ensiná-lo na escola, as estratégias de ensino precisam ser variadas, tendo um tratamento diferenciado. Sendo assim, ao ensinar uma modalidade esportiva nas aulas de EF, os autores sugerem que os docentes devem refletir com os discentes sobre o difícil relacionamento entre meninos e meninas na realização da prática esportiva, a exclusão dos menos habilidosos, a violência, as dificuldades relacionadas ao entendimento sobre a necessidade e os mecanismos de construção das regras, a aplicação das noções sobre a organização tática (MALDONADO et.al 2017, p.30 ).

Thiollent (1994) ressalta que o objetivo da metodologia consiste na análise das características de diversos métodos existentes e, além disso, a avaliação de suas capacidades, potencialidades, limitações e a crítica às implicações de sua utilização.

Sobre essa questão, Tenroller (2008) trás alguns métodos para o ensino do esporte coletivo, entre eles, método parcial ou analítico, método global ou complexo, método misto, método global em forma de jogo, método em série de jogos, método recreativo, método *transfert*, método da cooperação – oposição.

O método parcial consiste em ensinar uma destreza motora por partes para posteriormente uni-las entre si. Este método ainda é muito utilizado nas escolas, visto que muitos professores aprenderam assim e reproduzem com seus alunos (TENROLLER, 2008).

Para Borges (2015), o método analítico-sintético está centrado no desenvolvimento das habilidades técnicas que significam os movimentos específicos para a prática do desporto escolhido, porém, em função do grau de complexidade, as habilidades precisam ser divididas em fundamentos técnicos. O que corrobora com a afirmação de Galatti (2014), esse método propõe o ensino, vivência e aprendizado do esporte a partir de habilidades isoladas, com ênfase na repetição de tarefas para o

aprimoramento técnico. Este mesmo autor, afirma que esses exercícios analíticos ainda são predominantes como estratégia de ensino na iniciação esportiva.

O julgamento analítico implica a decomposição do fenômeno, em suas partes constitutivas. É uma operação mental pela qual se divide a representação totalizadora de um fenômeno em suas partes (MAGILL, 2000).

Para Ginciene e Impolcetto (2019), tradicionalmente, o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar, tem sido embasado por uma abordagem denominada tecnicista ou tradicional, que se caracteriza pela fragmentação da prática esportiva, de forma que o aluno é conduzido no processo de ensino-aprendizagem em determinadas partes para depois juntá-las para jogar. Essa forma de ensino não forma praticantes com inteligência de jogo, que promove conquistas significativas relativas à tomada de decisões, à reação, e outros aspectos relevantes ao bom desenvolvimento do jogo.

Conforme (Correia 2006) citado por (Maldonado 2017), o cotidiano do esporte escolar ainda é composto por práticas esportivas que produz fortemente esse modelo tecnicista e/ou analítico sintético. De acordo com minhas andanças e conversas com colegas da área, este método continua a ser um dos mais aplicados nas escolas nas aulas de educação física.

Neste método construído sobre as bases do treinamento desportivo, os professores focalizam seu trabalho no ensino de técnicas desportivas individuais e sistemas de jogos coletivos (COUTINHO e SILVA 2009). Consiste na utilização de exercícios com ênfase nos fundamentos técnicos, do mais simples para o mais complexo e entende que o praticante precisa aprender a técnica para que ele possa ter condições de jogar (SILVA e JUNIOR 2018).

Este método tem uma desvantagem, pois a vontade de jogar do estudante não é atendida, o que pode tornar a aula desinteressante e muitas vezes o estudante não entende o porquê de estar repetindo aqueles gestos técnicos isolados se o professor não der uma boa explicação. De acordo com (Merida e Merida 2013) citado por (Maldonado 2017), as práticas esportivas ligadas a este modelo proporcionam apenas

uma mera reprodução de movimentos e técnicas, sem que haja uma reflexão por parte de alunos e professores.

Os exercícios analíticos buscam a repetição de uma determinada técnica, para posteriormente ser aplicada no contexto do jogo, onde o problema está na prevalência desses exercícios em detrimento de estratégias de ensino que privilegiem a inteligência do jogador em relação ao jogo (GALATTI, 2014).

Além disso, verifica-se também, ainda, a adoção de uma única forma de se ensinar estes conteúdos nas escolas, através do Método Tecnicista de ensino, utilizando-se, para isto repetições de gestos pré-estabelecidos e, muitas vezes, repetidos pelos alunos de forma extenuante (BETTI 1999).

Maldonado (2017) lembra que, o indivíduo é um ser sociocultural e as aulas restritas à técnica esportiva, por enfatizarem apenas aspectos motores, colaboram para desintegração desses aspectos em relação aos cognitivos, e afetivos sociais que deveriam estar em sintonia na formação dos discentes.

Segundo análise de (Guimarães et. al. 2001) citado por (Maldonado 2017), nessa proposta de ensino, alguns aspectos importantes não são desenvolvidos, como: respeito mútuo, a cooperação e a afetividade, que são a base para se viver em sociedade.

O método global consiste em ensinar uma destreza motora apresentando o seu conjunto. É desenvolvido em uma série de jogos, mantendo a estrutura básica da modalidade em questão. Nesse método, os alunos executam os movimentos específicos do esporte, sem muita intervenção do professor, onde poderá até acontecer um jogo, em que poderão ser observados de forma global.

Reverdito (2009) reforça que o professor tem um papel muito importante no processo do aluno desenvolver as capacidades de jogo, então ele deve intervir de forma enérgica o jogo e como consequência o aluno tem a possibilidade de participar mais ativamente do processo de ensino.

O professor deve ser participativo interagindo com os jogadores, além disso, devem-se apresentar outras formas de movimentos segundo as capacidades dos alunos e verificar junto a eles as possibilidades de resolverem determinadas situações de jogo e às apresentará de forma resumida como eles estão jogando e apontará as evidências em que eles deverão corrigir possíveis falhas e apresentar ao aluno o motivo da interrupção do jogo, podendo assim, provocar a autorreflexão tática entre os alunos (GRAÇA, 1994).

Durante os jogos a parte cognitiva é muito estimulada devido à variedade de estímulos recebidos ao decorrer da partida, em virtude da complexibilidade motora empregada. VENDITTI (2008) defende que o jogo é um importante instrumento pedagógico e ainda um dos meios mais propícios para construção do conhecimento dos indivíduos. Através de uma prática consciente, podemos usá-lo como meio de aprendizagem e de descobertas.

Aplicando variações (mudanças de regras; criação de novas regras; alteração de número de participantes; tipos de bolas; diferentes espaços e tamanhos; minijogos; vantagem ou desvantagem numérica; dentre outros) ao jogo, geram-se novas dificuldades, estimulando a novos desafios, que acabam levando estes indivíduos a se tornarem mais consciente das atividades e do respeito que devemos ter com o outro, com o ser humano.

Segundo Borges (2015), este método se mostra mais eficiente e consistente quando comparado ao analítico, pois atende aos desejos e expectativas dos alunos quanto ao jogar, isso motiva os alunos e facilita o processo de aprendizagem. Não podemos confundir esse método com o famoso “rola bola”, onde o professor larga a bola e os alunos jogam soltos, sem orientação alguma, pois neste método exige correções por parte do professor e o retorno dos acertos adquiridos.

A abordagem do TGfU (*Teaching Games for Understanding*), originário da Inglaterra, propõe que as aulas de iniciação esportiva tenham como base os jogos “reduzidos”. Tais jogos podem ter espaço, número de jogadores e tempo reduzidos, além de equipamentos adaptados. É importante, no entanto, que a estrutura tática dessas práticas seja semelhante à do jogo formal. Assim, o aluno compreende a lógica do jogo, sendo capaz de responder de maneira inteligente às situações que surgirem. A finalidade é fazer com que ele compreenda a tática antes de preocupar-se com a aprendizagem dos gestos técnicos. (GINCIENE e IMPOLCETTO 2019, p.124).

O método que antes era centrado na decomposição do jogo em partes menores, passa a buscar metodologias e propostas para sistematização do conteúdo valorizando a compreensão da tática do jogo que significa o entendimento ampliado do seu desenvolvimento reforçando a tomada de decisões (GALATTI 2014).

De acordo com Paes, Montagner e Ferreira 2015, citado por Silva & Junior (2018) destacam a importância do jogo no processo de ensino-vivência-aprendizagem dos esportes coletivos:

O jogo, além de imprevisível, possibilita o desafio, a motivação e a participação. Apresenta constantes problemas que exigem respostas criativas e hábeis, individuais e coletivas, o que, conseqüentemente, estimula a cooperação e importantes construções coletivas – para o jogo e para a vida. Permite ainda, ao aluno, compreender a complexidade dos jogos coletivos, de forma autônoma, inclusiva e diversificada.

Segundo Greco (1998, 1999), os modelos de ensino – aprendizagem – treinamento orientados em concepções do desenvolvimento da capacidade tática possibilitam que os praticantes realizem uma apropriação inteligente do uso dos elementos técnicos necessários à solução das diferentes situações de jogo. Então, o processo de aquisição de aptidões cognitivas da percepção, antecipação e tomada de decisão necessária para direcionar a movimentação específica de um jogo é proposto pelo modelo de ensino – aprendizagem – treinamento (GRECO, 2001).

Assim, em uma metodologia que explore conteúdos por meio de uma situação de jogo na aula/treino, exigirá do professor/técnico o cuidado didático na garantia de um ambiente de jogo, em que os planos pedagógicos (planejamento, objetivos, conteúdos) sejam orientados pela natureza do jogo. Porém, isso não significa que é deixar jogar (jogo pelo jogo). Mas garantir um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos e objetivos pedagógicos sejam alcançados na medida em que o jogador mobiliza suas competências e habilidades (ato de jogar) a fim de elucidar a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito) (SCAGLIA et.al 2013).

Ainda os autores reforçam que no jogo, consiste em saber fazer cada vez melhor o que se pode fazer no jogo, resumindo-se em estruturar-se no espaço coletivo, confluindo ações individuais com as coletivas, em relação ao posicionamento

dos adversários e a estratégia preestabelecida coletivamente, configurando-se as circunstâncias contextuais do jogo; estas devem ser lidas pelos jogadores à medida que se ampliam suas respectivas habilidades de interpretação da lógica do jogo, aliada ao seu amadurecimento cognitivo e ampliação contextualizada de seus esquemas de ação, comunicando-se por meio de suas ações com os demais jogadores; além de, ao mesmo tempo, manter uma adequada e eficiente relação com a bola, de modo a conseguir executar as ações motrizes requeridas, sempre com o objetivo de ganhar o ponto.

GRAÇA (1995) reforça que as ações táticas e técnicas devem sempre ser pensadas em sua perspectiva aberta, ou seja, desenvolver habilidades em contextos de jogo, em que a imprevisibilidade esteja presente, sendo essa uma das principais características dos jogos esportivos coletivos. Ainda, de modo a complementar nossa reflexão, alinhada ao esforço de se esboçar o embrião de proposta de sistematização do processo de ensino dos jogos esportivos coletivos, para que o planejamento forneça estrutura coerente para o desenvolvimento de uma metodologia que privilegie as competências essenciais, em meio ao jogo e suas peculiaridades - como o ambiente de jogo -, devemos ordenar as competências essenciais, fazendo com que elas sejam enfatizadas de diferentes modos ao longo do processo de ensino e aperfeiçoamento. Por isso propomos organizá-las em competências essenciais gerais, específicas e contextuais.

Portanto, o jogo entendido como sistema é dotado de um princípio organizador, sendo este princípio evidenciado em meio a uma cadeia de acontecimentos cíclicos, que se repetem sempre em níveis superiores, elevando a complexidade do sistema (produzindo diversidade). Esse princípio leva os jogadores a novos patamares de conhecimento à medida que constroem e testam suas soluções (respostas). Pode-se dizer então que a organização gera ao mesmo tempo transformação e formação. A organização forma um todo a partir da transformação de seus elementos, ou seja, o padrão organizacional evidencia o processo de organização, o qual dá forma, no espaço e no tempo, a uma realidade nova (SCAGLIA 2005 e 2011).

O método misto consiste na sincronia dos métodos global-parcial-global. Consiste na execução do gesto e no momento que o professor observa um erro, o

professor faz a correção, o aluno repete e o jogo prossegue. Este método é uma junção dos dois métodos apresentados anteriormente, o global e o analítico, pois permite que numa mesma aula o professor utilize exercícios técnicos e jogos, independente da ordem (BORGES 2015).

Para Pinho 2009, citado por Borges (2015), esse método oferece ao aluno um aprendizado mais completo, onde, se no método global ficou algo que não aprendeu, então se parcializa o movimento.

Método em série de jogos que se assemelha ao método global diz que é jogando que se aprende, através de jogos. Onde neste método, os jogos são reduzidos e mudanças são feitas para facilitar a aquisição das habilidades e entendimento do esporte. Coutinho e Silva (2009) sinalizam que o princípio fundamental é que os jogos devem ser desenvolvidos sempre dos mais simples para os mais complexos e garantir uma intensidade máxima de prazer e participação.

Paes (2001) apresenta a possibilidade de utilizar os jogos reduzidos com experiências práticas em situações de jogo, também em 1x1-2x2-3x3, e ainda o "jogo possível" como uma possibilidade de ensinar jogos desportivos coletivos, pois o mesmo pode propiciar aos alunos o conhecimento e a aprendizagem dos fundamentos básicos das modalidades coletivas, considerando seus valores relativos e absolutos, e também aprenderem de acordo com suas possibilidades materiais (locais de aprendizagem). Almeja-se, nesse procedimento, a motivação por parte dos alunos ou praticantes, para que os mesmos tomem gosto e possam usufruir a prática desportiva, como benefício para melhor qualidade de vida, caso seus talentos pessoais não despertem o sucesso atlético.

Ainda de acordo com os mesmos autores, este método foi idealizado e proposto na década de 80 pelos professores alemães Heinz Alberti e Ludwig Rothenberg. Os objetivos principais do aprendizado dos jogos são: 1) o aperfeiçoamento da técnica motora; 2) o domínio do material do jogo e 3) o ensino do comportamento tático.



Para Garganta (1998) citado por (Venditti 2008), os jogos desportivos coletivos, fazem parte da cultura desportiva contemporânea e sendo bem orientados podem promover desenvolvimento tático cognitivo, técnico e sócio afetivo.

De acordo com Maldonado (2017) que relata que os jogos pré-desportivos colaboram para o aprendizado das modalidades esportivas. Além disso, o professor consegue desenvolver uma função educativa na prática destes jogos, atrelando valores como a inclusão, a convivência, o respeito e a ética. Entretanto, a maioria dos docentes pesquisados em um estudo realizado por Maldonado (2017), utiliza o jogo formal como estratégia de ensino com todas as características do esporte de rendimento por acreditarem em uma maior efetividade dessa estratégia.

Tenroller (2008) cita o método recreativo que é aquele que estão presentes elementos do esporte, onde se dá uma ênfase à ludicidade, sem destacar o fundamento em si, por exemplo, um jogo de voleibol jogado com bola gigante.

O método *transfert* que pretende trabalhar mais de uma modalidade na mesma atividade, associando-se gestos técnicos destes esportes. Os alunos ficam transitando entre um e outro esporte, com duas ou mais bolas, realizando ações técnicas destes esportes e o método da cooperação-oposição, este dá ênfase a aspectos sociais de cooperação e oposição, ensinados aos alunos que é preciso dos adversários para que aja o jogo e que este seja valorizado e não tratado como inimigo.

É preciso investigar os métodos de ensino/aprendizagem, pois estes interferem quantitativa e qualitativamente nos efeitos da aprendizagem dos alunos de diferentes níveis de desempenho.

Bracht e González 2012 afirmam que a justificativa que damos ao ensino do esporte nas aulas de Educação Física pode estar relacionada com a escolha do que ensino (conteúdos) e com a forma (método) de ensino. Isso significa dizer, na visão desses autores, é que se a justificativa central para o ensino dos esportes seja a ideia de levar os alunos a dominar a modalidade para participar de competições escolares ou quem sabe, no futuro, a participação em seleções municipais e/ou estaduais, seria necessário centrar o ensino, de forma quase que exclusiva, nas técnicas e táticas esportivas.

Maldonado, Silva e Neira (2015) mencionam que as propostas curriculares estaduais brasileiras de EF sugerem que os professores que ensinam esportes coletivos devem promover debates entre os alunos, ministrar atividades práticas, utilizar recursos audiovisuais, vivenciar os esportes coletivos, realizar apresentações dos conteúdos desenvolvidos, realizar pesquisas em grupo ou de forma individual, entrevistar pessoas envolvidas com os esportes coletivos, elaborar painéis com ideias relacionadas aos esportes coletivos, praticar o esporte coletivo compreendendo os elementos técnicos e táticos em conjunto, propor a realização da auto avaliação, realizar rodas de conversa e utilizar a ludicidade para ensinar os esportes coletivos (MALDONADO 2017, p. 41).

É de conhecimento geral e defendido pela maioria dos autores, que a prática do jogo formal seis contra seis no voleibol, ao nível da iniciação se constitui inadequada. Tal constatação deve-se ao fato de a interrupção do jogo ser constante, devido à dificuldade de sustentar a bola no espaço aéreo, onde o praticante tem número contato reduzido com a bola (KUNZ, 1994).

Nas aulas de Educação Física o tempo de aula é curto, o número de alunos por turma é elevado, cerca de 40, e somado a isso, o espaço escolar, na maioria das vezes é restrito a uma única quadra de voleibol. BETTI (1999) argumenta que a transformação didática dos esportes visa especialmente a que a totalidade dos alunos possa participar em igualdade de condições, com prazer e com sucesso na realização destes esportes.

Num estudo realizado por Buk & Harisson (1990), os autores constataram que na situação de jogo formal, os alunos tocaram na bola, em média, menos de uma vez por minuto, o que torna a metodologia não muito adequada de ser utilizada nesses casos. Desse modo, parece ser um determinante a escolha de estratégias que promovam um aumento do número de contatos com a bola e o grau de êxito nas tarefas, utilizando-se para tal, situações facilitadoras da sustentação da bola.

Baacke (1972) aponta como uma das principais dificuldades para o aprendizado do iniciante no voleibol é a pequena quantidade de vezes que o aluno toca na bola em situações reais de jogo.

Como refere Bento (1987) a matéria tem de ser escolhida, preparada, ordenada, estruturada, transmitida. Na organização dos conteúdos, é imprescindível a seriação dos mesmos por níveis de complexidade. Deve-se haver a preocupação com a técnica, mas sempre posterior à compreensão que se adquiriu de jogo.

Portanto, não é apenas a transformação prática do esporte que deve acontecer de uma prática exigente para uma prática menos exigente em relação ao outro - o que acontece também na busca de alternativas para introduzir ou iniciar melhor o aluno em alguma modalidade - mas, principalmente, a compreensão das possibilidades de alteração do sentido dos esportes (KUNZ,1994).

Alterar as regras é um dos meios mais eficazes para que os alunos possam jogar sem grandes habilidades, e assim estimular a automotivação de crianças e jovens. Modificar espaço, altura da rede e número de jogadores, além de mudar o número de contatos permitidos para que os alunos tenham sucesso fortalecendo a permanência na prática.

Os alunos de nível de desempenho baixo necessitam de situações de aprendizagem mais estruturadas que possibilitam não só o aumento do número total de contatos, como também maior qualidade das respostas. Sendo assim, a seleção das tarefas organizadas de maneira sequencial e com níveis de complexidade progressivos faz-se necessários para que os objetivos da aprendizagem sejam alcançados. A concepção atual diz que através da melhoria das habilidades se melhora a capacidade de jogo.

Segundo Bayer, citado por Daolio (2002),

[...] as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis invariantes : uma bola ou implemento semelhante, um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar e defender, e regras específicas.

Ainda segundo o mesmo autor, os três princípios operacionais são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao adversário e finalização da jogada, visando obtenção do ponto. Ele acrescenta os princípios de defesa que são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da jogada pela equipe adversária.

Para Júlio Garganta, citado por Daolio (2002), duas competências básicas são necessárias para a aprendizagem e prática do esporte coletivo: a inteligência, vista

como a capacidade de adaptar-se a situações dinâmicas que acontecem no jogo, para resolver os constantes problemas que surgem, e a cooperação, vista como a necessidade do praticante combinar suas ações com as ações do grupo.

A forma como os esportes coletivos têm sido convencionalmente ensinados dificulta uma aprendizagem que direcione os alunos a uma apropriação efetiva do conhecimento necessário para a prática (BORGES et al. 2017). A visão tecnicista ainda permeia no modo de ensino de muitos professores ensinam os esportes nas escolas. Ainda se enfatiza quase que exclusivamente, a transmissão de habilidades técnicas próprias da modalidade, desconsiderando a dimensão tática.

Conforme aponta Borges et.al (2017), nessa abordagem tradicional, a técnica é aplicada de forma isolada e descontextualizada com pouca relevância para as exigências do jogo. Entende Mesquita (2009), que nos Jogos Desportivos Coletivos, dada à natureza aberta das habilidades, o tipo de prática deve-se reger pelo recurso a tarefas que repliquem, o mais cedo possível, a lógica do jogo.

## 4 MÉTODO

O estudo está caracterizado como pesquisa prática ou pesquisa-ação, que é voltada para a intervenção na realidade social. De acordo com Prestes (2012), a pesquisa-ação caracteriza-se por uma intervenção efetiva e ampla entre pesquisadores e pesquisados. Já conforme Farto e La Rosa (2007) é uma pesquisa centrada na prática, que trata de unir a teoria dos acadêmicos e pesquisadores à prática desenvolvida pelos profissionais.

Conforme Thiollent (1994), a pesquisa-ação é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação da informação. Assim, não é considerada como metodologia, mas como método ou estratégia de pesquisa social.

De acordo com Pereira e Casarotto (1998), para os autores que utilizam a pesquisa-ação, a característica mais importante desta abordagem é a de ser um processo em contínua modificação através de espirais de reflexão e ação, no qual cada espiral inclui: O esclarecimento e formulação do diagnóstico da situação ou problema prático que se quer resolver ou melhorar; a criação de estratégias de ação; o desenvolvimento dessas estratégias e a avaliação de sua eficiência; a ampliação e compreensão da situação resultante; o procedimento das mesmas etapas para a nova situação prática.

Thiollent (2003) ressalta que, nesse método, há necessidade de um inter-relacionamento entre o pesquisador e as pessoas participantes do estudo, pois ele atua ativamente na perspectiva de resolução dos problemas identificados. Ainda Thiollent (1994), uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas envolvidas no problema observado, esta ação, porém, deve ter um caráter não trivial, ou seja, deve ser uma ação problemática que mereça investigação a ser elaborada e conduzida.

Segundo Betti (2003a), trata-se de uma pesquisa na qual as pessoas envolvidas tenham algo a “dizer” e a “fazer” e os pesquisadores tenham a pretensão de desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Seu objeto de estudo se constitui pela situação social e pelos problemas de naturezas diversas encontradas em tal situação. Prestes (2012) defende que ela busca resolver e/ou esclarecer a problemática observada, não ficando em nível de simples ativismo, mas objetivando aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência dos pesquisados.

Com esse tipo de pesquisa, podem-se ajudar os profissionais da educação em trabalhos cotidianos, melhorando a prática de ensino. Por outro lado, os pesquisadores refletem sobre a ação do ensinamento e aprendem conjuntamente (FARTO e LA ROSA, 2007).

Nesse sentido, a pesquisa-ação no presente estudo, caracteriza-se pela busca de estratégias de mudança e proposta de novas ações para melhorar a realidade dos professores do colégio.

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, localizado na cidade de Teixeira de Freitas, Extremo Sul da Bahia. Colégio este que funciona três turnos e atende 1.397 alunos do Ensino Médio e EJA – Educação de Jovens e Adultos. É um dos maiores do Sul da Bahia, se não o maior. Considerado de grande porte, atende estudantes a partir de 15 anos de todas as classes econômicas.

É o colégio público mais famoso da cidade e mais procurado entre os públicos. Lecionando desde março de 2012 até os dias atuais, sempre no ensino médio, especificamente nos segundos anos matutino e uma turma do vespertino. Recebe estudantes de todas as escolas municipais advindos do ensino fundamental e também da rede particular, incluindo de outras cidades e estados.

A estrutura do colégio não é das melhores, é muito antiga, tem trinta anos de existência. Existem duas quadras poliesportivas descobertas, um auditório, um anfiteatro, dezoito salas de aula, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de coordenação, uma sala de recurso audiovisual, duas cantinas, acesso a internet para funcionários, noventa e um funcionários aproximadamente, sendo um diretor, três vices diretores, sessenta e cinco professores e oito administrativos, uma bibliotecária, onze apoio na cozinha e limpeza dois auxiliares de disciplina.

Inicialmente foi apresentado para os alunos o planejamento que previa a realização de 20 aulas de educação física.

As datas das aulas, conteúdos das mesmas e duração de cada uma, são indicados no quadro abaixo.

| <b>Aulas</b> | <b>Conteúdo</b>   | <b>Duração</b>  |
|--------------|---|-----------------|
| 01           | Apresentação do estudo aos discentes; Entrega do TECLE, Termo de assentimento e termo de autorização para uso de imagens e voz. | 50 minutos      |
| 01           | Aplicação do questionário de sondagem;  | 50 minutos      |
| 02           | Divisão de grupos; Aplicação de sondagem prática;   | 1h e 40 minutos |
| 01           | Direcionamento para trabalho de campo sobre o voleibol;   | 50 minutos      |
| 02           | Histórico do voleibol e regras básicas  | 1h e 40         |
| 02           | Vídeo sobre fundamentos técnicos do voleibol e sistema tático 6x0   | 1h e 40 minutos |
| 01           | Jogo desportivo coletivo: voleibol gigante  | 50 minutos      |
| 01           | Jogo desportivo coletivo: controle  | 50 minutos      |
| 01           | Jogo desportivo coletivo: 1,2,3,4 cortada   | 50 minutos      |
| 01           | Aula prática: introdução ao minivoleibol  | 50 minutos      |
| 01           | Aula prática: minivoleibol  | 50 minutos      |
| 01           | Direcionamento para trabalho de campo   | 50 minutos      |
| 01           | Vídeo e discussão sobre gênero no esporte   | 50 minutos      |
| 01           | Jogo desportivo coletivo: voleibol reduzido.  | 50 minutos      |
| 01           | Jogo desportivo coletivo: voleibol reduzido   | 50 minutos      |
| 01           | Esporte: Aula prática de voleibol   | 50 minutos      |

O estudo se desenvolveu durante meados do 1º trimestre e 2º trimestre do ano letivo de 2019, nos meses de abril a setembro. O projeto de pesquisa deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, Campus Goiabeiras, que aprovou, sem restrições, sob o CAAE 12976619.6.0000.5542, um

termo de autorização foi enviado ao Colégio, solicitando autorização para a pesquisa com os respectivos estudantes. Em seguida, os alunos foram informados sobre a participação na pesquisa de Dissertação de Mestrado. Na oportunidade, os estudantes receberam um Termo de Assentimento que leram e assinaram. Também receberam um TECLE e um Termo de Autorização de Imagem e voz para que levassem aos pais ou responsáveis e estes assinem autorizando a participação dos estudantes. Todos os termos enviados ao referido Comitê de Ética foram devidamente aprovados.

O processo de construção do planejamento no ensino de qualquer modalidade esportiva passa por uma avaliação diagnóstica sobre o que os alunos já sabem, já vivenciaram e aquilo que eles nunca viram, ouviram ou vivenciaram sobre determinado conteúdo. A partir daí, foi possível construir uma sequência didática, partindo de atividades mais simples e chegando até as mais complexas.

Posteriormente foi aplicado um questionário de sondagem, contendo oito questões objetivas para identificar o nível de conhecimento teórico e das experiências dos alunos acerca do voleibol, para organizar os conteúdos e a intervenção propositiva para o estudo.

Após recolhimento e análise das respostas, foi detectado que metade dos alunos nunca havia participado de um jogo de voleibol na escola. Outro dado que chamou a atenção foi que cerca de 60% dos estudantes responderam não conhecer os movimentos específicos do voleibol. Cerca de 74% relataram desconhecer as regras básicas do voleibol e aproximadamente 65% disseram nunca ter jogado voleibol fora da escola, no tempo livre.

Perguntado sobre esporte favorito, dentre os coletivos normalmente praticados na escola, cerca de 29% responderam que não era nenhum deles, 28% respondeu futsal, 26% voleibol, cerca de 11% handebol e aproximadamente 6% basquetebol como o esporte favorito. Quando perguntados se gostariam de praticar algum esporte no tempo livre, 60% respondeu que não gostariam de praticar. Quando perguntado se praticam algum esporte quando não estavam na escola, 64% responderam que não praticavam e apenas 22% responderam que em seu bairro existe local para a prática do voleibol.



Identificando as características dos alunos na sua relação com voleibol, propusemos que as turmas do 2º ano A,B,C,D,E e F do turno matutino fossem divididas em dezoito grupos, sendo que cada turma foi dividida em três grupos de aproximadamente treze alunos por grupo. Em outro questionário foi feito um levantamento em sala dos bairros que os alunos residem. A organização dos grupos se deu por proximidade onde esses alunos moram ou por afinidade. Participaram da pesquisa aproximadamente 230 alunos, do 2º ano do Ensino Médio, entre 15 e 18 anos de idade.

Na sequência os estudantes foram direcionados a realizar um trabalho de campo sobre o voleibol. Este trabalho consistiu na produção de um vídeo de 15 minutos contendo os movimentos técnicos específicos, posicionamento básico, bem como as regras básicas desta modalidade.

Neste vídeo ainda deveria conter os alunos realizando os fundamentos técnicos, possíveis erros de execução e trechos do jogo propriamente dito. Para isso, os alunos se reuniram para pesquisar, e para realizar as ações práticas em seus bairros ou em outros espaços. Os estudantes receberam kits contendo uma rede de voleibol e uma bola para cada grupo.

O momento seguinte se desenvolveu nas aulas de educação física, onde o voleibol foi contextualizado. Foram aplicados os conteúdos do voleibol, passando pelo histórico, regras básicas, sinais de arbitragem, grandes nomes do voleibol, sistemas táticos, movimentos técnicos específicos, principais competições de voleibol, jogos desportivos coletivos voltados ao voleibol, entre outros. Foram disponibilizadas vinte aulas dedicadas aos conteúdos sobre o voleibol, sendo cinco no 1º trimestre e quinze no 2º trimestre.

Fazendo parte da pesquisa alguns momentos das aulas foram filmados para posterior edição e utilização nas aulas onde os alunos viram como podiam ampliar o entendimento e assim compreender melhor a dinâmica do esporte.

Na parte final do estudo, foi passado outro trabalho de campo com os mesmos grupos que já foram previamente definidos, onde fizeram uma investigação sobre a prática de voleibol nos bairros de Teixeira de Freitas para detecção de lugares onde

se efetivamente praticam o voleibol ou espaços públicos que se possam praticar durante o tempo livre, no turno vespertino, ou fins de semana.

Os alunos fizeram o registro do que encontraram e trouxeram para o colégio onde fizemos uma análise da possibilidade ou não da prática do voleibol nos respectivos lugares. Darido e Rangel (2011) propõem que haja pela escola e pela Educação Física a perspectiva de se educar para o lazer. Principalmente nos dias atuais, onde muitos jovens não aproveitam o tempo de lazer de maneira plena, apenas ficam nas redes sociais e no uso das tecnologias.

Ainda de acordo com essas autoras, ao proporcionarmos vivências lúdicas nas quais os estudantes estabeleçam uma relação com o lazer e o prazer, estaremos contribuindo para que eles, em seus momentos de lazer, utilizem-nas.

Definidas as zonas ou bairros que cada grupo escolheu, foram desenvolvidas as atividades de campo. Os alunos do turno matutino se articularam para se encontrar e praticar o esporte, após terem participado de algumas aulas no colégio. Nesses encontros, os alunos registraram por meio de fotos e vídeos. Sobre isso, Mattos e Neira (2008) apontam:

a importância do trabalho em grupo para valorizar a interação aluno-aluno [...] como fonte de desenvolvimento social, pessoal e intelectual. Situações de grupo exigem dos alunos a consideração das diferenças individuais, respeito a si e aos outros e trazem contribuições e cumprimentos das regras estabelecidas.

Durante esta etapa da pesquisa, os alunos vivenciaram a prática do voleibol em seu bairro ou zona, por um período de seis semanas, com duas sessões semanais, com duração de uma hora e quarenta minutos, fazendo relatório falado, por meio de áudio das atividades desenvolvidas.

Essa ideia vai ao encontro do proposto por Bracht e Gonzáles (2012) quando propõe a criação de um cadastro para alunos de uma mesma turma ou escola registrarem lugares próximos às suas residências onde é possível realizar as práticas corporais estudadas.

Ainda de acordo com os autores, essa forma de trabalho pode ser adotada no transcorrer das diferentes unidades didáticas, permite que os alunos valorizem as

potencialidades e limites que o entorno social favorece a população para as práticas corporais.

Foi criado pelo pesquisador, um grupo de mensagens, utilizando o aplicativo *WhatsApp*<sup>2</sup> para facilitar a comunicação com os grupos de estudantes. Desse grupo, fizeram parte dois integrantes de cada grupo de alunos, que foram os “alunos líderes”. Eles tiveram a função de informar no grupo, dia, local, turma e horário da prática.

Os demais participantes, repassam as informações para seus colegas de sala. Como muitos estudantes tem outras atividades no turno vespertino, como curso, trabalho remunerado, dificuldade de transporte até o local das práticas, foi flexibilizado que os estudantes não se apegassem a um único grupo, o seu grupo, e sim que buscassem entre as 18 possibilidades, aquele local e horário que mais lhe fosse conveniente, inclusive aos sábados e domingos.

O pesquisador visitou periodicamente cada local de prática para o acompanhamento das atividades nos bairros, também fazendo registros e auxiliando na execução das atividades, esclarecendo dúvidas que surgirem sobre o esporte.

O objetivo da Educação Física escolar nesse nível é ensinar o cidadão a monitorar, controlar e ter autonomia em seu programa de atividades físicas, ou seja, a criação, incorporação e manutenção de um estilo de vida ativo (BRASIL,1999).

A ideia é a construção de um método de ensino do voleibol, detalhando todos os caminhos metodológicos.

Dentre as propostas de avaliação dos saberes corporais, Shlatter e Garcez (2011, p97) citado por Gonzáles e Bracht (2012), afirma que

Temos por um lado a avaliação de rendimento, que busca verificar o alcance da aprendizagem com base no que foi desenvolvido e trabalhado em sala de aula [...] a avaliação de proficiência, a verificação do que alguém é capaz de fazer em um determinado momento. [...] avaliação diagnóstica, que visa verificar o que já é conhecido, a fim de calibrar o ponto de partida para o ensino de novos conhecimentos.

---

<sup>2</sup> Termo em inglês que dá nome a um aplicativo de rede social para envio e recebimento de mensagens

Como parte do processo de avaliação, também foi utilizada uma auto avaliação e a coavaliação. Nessa última ganha destaque pelo auxílio que os alunos podem prestar para o professor perceber melhor o que está acontecendo em relação à aprendizagem.

O Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa oferece um projeto de voleibol no turno oposto, que funciona duas vezes por semana das 17h30min às 19h00min.

A participação é livre para os estudantes do colégio. Os alunos do 2º ano matutino, que estavam participando do projeto e com uma maior experiência técnica e tática, foram convidados a serem monitores/auxiliares durante as aulas no colégio, para aqueles alunos iniciantes na modalidade, auxiliando na condução das aulas de voleibol.

Esses alunos e os demais alunos de 1º e 3º ano que estavam participando do projeto Treinando Para a Vida foram convidados a serem auxiliares durante as práticas nos bairros. Caso fosse necessário, um adulto de confiança do grupo seria convidado e autorizado pelo pesquisador a acompanhar os encontros práticos nos bairros ou zonas, o que não foi necessário.

Os instrumentos utilizados para a produção dos dados da pesquisa foram: a) as filmagens das aulas do pesquisador com seus alunos, ministradas desde o início da aplicação dos conteúdos; b) as filmagens dos encontros extraescolares do trabalho de campo direcionado aos estudantes; c) as anotações realizadas pelo pesquisador e d) questionário sobre os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do voleibol e de suas vivências anteriores na modalidade.

Ao final da pesquisa a proposta foi à criação de um Guia Didático para Ensino do Voleibol no ensino médio, contendo o passo a passo das ações realizadas, atividades desenvolvidas, registro dos alunos, registro do pesquisador e possivelmente um DVD com momentos das práticas nas aulas e nos bairros.

A partir da literatura pesquisada, resolvemos basear a metodologia de ensino no método misto, visto que ele traz a união dos métodos parcial e global.

Inicialmente a proposta foi fazer um diagnóstico prático, onde uma observação seria feita daquilo que os alunos já conseguiam executar sobre a modalidade de voleibol, como se pode ver na primeira atividade a seguir.

Em algumas atividades pensadas para os estudantes que pareciam simples e fáceis, às vezes, havia um grau de dificuldade maior do que o esperado. Então, logo durante a atividade, era feita a intervenção e a sua facilitação, para que os estudantes conseguissem sucesso. Era como se déssemos um passo para trás, para depois avançarmos dois passos à frente, na medida em que os estudantes evoluíam na aprendizagem.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Diagnóstico prático – atividade 1

Esta atividade inicial teve como objetivos, verificar o que os estudantes já sabiam sobre o voleibol, como se posicionavam em quadra, suas movimentações, quais regras já sabiam, e como se saiam na execução dos fundamentos técnicos do voleibol. Além disso, verificar a capacidade de análise dos estudantes que estavam observando do lado de fora, as ações dos colegas, erros, acertos, interação social, atitudes para com os colegas de equipe, entre outras. A atividade foi explicada em sala de aula e em seguida nos dirigimos para a quadra. Os alunos foram divididos em três grupos com aproximadamente 12 integrantes. O primeiro grupo foi orientado a se subdividir em dois grupos e se posicionar na quadra de voleibol para jogar de acordo com o que sabiam acerca do voleibol e sobre o que já tinham pesquisado em ocasião do trabalho passado anteriormente. Durante dez minutos eles jogaram, sem interferência alguma do professor, nem dos grupos de fora. Os dois grupos de fora foram orientados a fazer a análise dos que estava jogando, observando erros, acertos, comportamentos, entre outros aspectos. Cada grupo que estava fora ficou responsável por analisar as ações de uma meia quadra, desta maneira, os dois lados foram analisados. Para essa análise, os estudantes formaram duplas e gravaram suas análises em áudio nos seus respectivos smartphones, com auxílio do aplicativo *whatsapp*. Após dez minutos ocorria um rodízio dos grupos que estavam analisando e jogando. Ao final da aula, os áudios foram enviados para um representante da turma e este ficou responsável por me enviar, para posterior análise das visões dos alunos. Toda aula foi devidamente filmada nas seis turmas analisadas. Essa proposta atende as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal dos conteúdos. De acordo com Testa e Missaka (2016), os conteúdos devem ser vividos pelos alunos nas três dimensões: conceitual (saber), procedimental (saber fazer) e atitudinal (saber ser). Ainda de acordo com os mesmos autores, elas devem acontecer de forma integrada, cabendo ao professor dar ênfase àquela que permitirá atingir seus objetivos pedagógicos. Ginciene e Impolcetto (2019) p.123:

[...] confirma que o ensino dos esportes além dos saberes corporais, o ensino deve abarcar os saberes conceituais e atitudinais, no sentido de oferecer aos alunos acesso às práticas corporais e assegurar um conjunto de conhecimentos que os permitam desenvolver autonomia para apropriação

dessas práticas em diversas finalidades (saúde, lazer, rendimento, apreciação crítica etc.), favorecendo sua atuação de forma confiante e autoral na sociedade.

Entendeu-se que, ao se elaborar e aplicar aulas do conteúdo esporte ou dos demais conteúdos pertencentes à área de conhecimento da Educação Física escolar, tendo como eixo norteador as três dimensões, conforme defendido, por exemplo, pelos PCN's (BRASIL,1998) e DARIDO e RANGEL (2005), favorece o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, com o propósito de uma formação de maior qualidade dos alunos.

A ideia é que sejam estruturadas formas apropriadas para aplicação da modalidade voleibol na perspectiva da dimensão procedimental, esta que é muito adotada na prática pedagógica dos professores da área e que também, possam ser desenvolvidas atividades nas perspectivas das dimensões conceituais e atitudinal.

## **5.2 Análise dos vídeos da atividade diagnóstica 1**

Foi observada uma inércia dos alunos nessa atividade diagnóstica. Os mesmos se posicionaram para receber o saque, mas a bola caía direto no chão sem ao menos ser tocada por alguém. E quando alguém conseguia tocar na bola, a mesma ia sem direção e o jogo não tinha sequência.

Alguns alunos, na hora do saque, se posicionavam dentro da quadra para sacar, ignorando as linhas da quadra. Ainda, na hora de golpear a bola, lançavam para o alto e a mesma caía sem ser tocada, ocasionando uma falha de percepção visual. Outros ainda pisavam na linha de saque, ocasionando infração às regras do jogo, como se vê nas imagens abaixo.



Figura 1. Arquivo do autor.



Figura 2. Arquivo do autor.

Alguns estudantes que participavam do projeto de esportes desenvolvido no colégio em turno oposto orientaram quanto à realização do rodízio. Também foi observado erro de posicionamento em relação aos membros inferiores na hora da realização do saque, sendo que a mão que golpeia a bola deve ser contrária à perna que fica à frente, numa posição anteroposterior.



Figura 3. Arquivo do autor



Figura 4. Arquivo do autor

Veja na figura 5 e 6, como as estudantes estavam realizando o saque.





Figura 5. Arquivo do autor.



Figura 6. Arquivo do autor.

Veja nas figuras 7 e 8 onde as estudantes se posicionaram para o jogo, não mostrando pouca noção de posicionamento.



Figura 7. Arquivo do autor.



Figura 8. Arquivo do autor.

Os vídeos mostraram a dificuldade de estudantes do 2º ano do ensino médio de jogar uma partida de vôlei com o mínimo de acertos possíveis. Revelam que os estudantes estão chegando ao ensino médio com pouca experiência acerca de um esporte que é mundialmente famoso e popular nas escolas, praças, parques e clubes.

### 5.3 Vôlei gigante – atividade 2

Nessa atividade, a turma foi dividida em três grupos de doze alunos aproximadamente. Um grupo jogava por vez e foi orientado a se posicionar em quadra como desejassem. No início da atividade foi explicado que respeitando os limites da quadra de vôlei, os alunos poderiam dar quantos toques na bola que quisessem,

sem preocupação com a técnica do movimento. A bola utilizada foi aquele bolão gigante, de plástico que vende em parque de diversões, que foi encapada com recortes de tecido de ceda para dar maior durabilidade e um pouco mais de peso.

Um método de ensino pautado na pedagogia do esporte pode garantir a oportunidade de participação efetiva para todos os sujeitos, despertar o prazer e o interesse pelo esporte em diversos níveis, seja como aluno, atleta ou espectador (LIRA et al 2015).

De acordo com Machado (2006), o nível de habilidade técnica e física nos primeiros estágios de aprendizado do voleibol não é suficiente para que o jogo tenha uma sequência, com a bola caindo constantemente no chão. Isso causa um desestímulo uma sensação de frustração para o jovem, levando-o, muitas vezes a desistir da modalidade.

A bola grande foi utilizada para aumentar a área de contato dos braços com a bola, além da mesma demorar mais tempo para cair, o que favorecia uma reação maior dos estudantes a fim de se posicionar e correr em tempo oportuno. Essa proposta baseada no método global atende aos anseios dos alunos em já iniciar a prática do esporte jogando, com seis participantes em cada lado, com rede montada, utilizando fundamentos técnicos característicos da modalidade, sem cobrança na técnica e com regras flexíveis quanto ao número de toques, rodízio e posicionamento rígido.

O jogo desportivo coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico [...] (TEODORESCU, 2003, p. 23).

Nessa atividade proposta, pensei em desmistificar o medo dos alunos em praticar um esporte, ou em iniciar a sua aprendizagem. Muitos estudantes, devido às vivências e experiências negativas na Educação Física em anos anteriores, chegam ao Ensino Médio “traumatizados” quando o assunto é esporte. Muitos foram xingados, humilhados, excluídos durante toda uma caminhada na educação física. Isso dificulta a reaproximação do esporte no Ensino Médio. Medo de acontecer novamente o que foi no ensino fundamental.

Então, essa proposta lúdica, sem muitas cobranças, era para facilitar a aproximação dos estudantes a um jogo semelhante ao voleibol, que desse a ideia de

estarem jogando voleibol, sem serem criticados pelos erros ou sem sentimento de culpa.

No início da atividade os estudantes estavam competitivos, buscando marcar o ponto, onde a bola era passada de primeira para o campo adversário, não oportunizando maior envolvimento da equipe e caindo rápido, essa característica competitiva é muito marcante nas aulas de Educação Física e isso pode levar a exclusão dos menos habilidosos. Um dos fatores apontados por (Altmann 1998) citado por Darido e Rangel (2011) que leva a exclusão por habilidade é o caráter competitivo presente na prática esportiva escolar.

Após perceber isso, e foi o que percebi na minha intervenção, a atividade foi direcionada para a cooperação. Então, foi solicitado aos estudantes que o objetivo não era derrubar a bola no solo, e sim fazer que a mesma ficasse o maior tempo possível transitando entre os dois lados da quadra. Após a mudança, os estudantes entenderam e cumpriram. Porém percebi que continuavam mandando a bola para o lado adversário de primeira, sem participação dos demais integrantes do grupo. Imediatamente já intervi e lancei a proposta de os estudantes deveriam se esforçar para que cada equipe pudesse dar três toques, no mínimo, antes de passar para a equipe do outro lado. Isso retirou a intenção de jogar a bola para o chão e permitiu que mais alunos tocassem na bola e estivessem focados em manter a bola no ar o maior tempo possível.

Segundo Montagner (2011), alguns autores propõem atividades que não estimulem a competição, alegando que esse componente desenvolve valores negativos, como egoísmo, a agressividade e o individualismo, e sim ações cooperativas com ênfase na participação de todos, no auxílio mútuo e na igualdade de oportunidades. Por outro lado (Jabu, 2000) citado por Montagner (2011) p.66 afirma que:

Na competição, o importante é ser competente, disputar com dignidade, obedecendo às regras e, quando possível, ganhar. E acrescenta [...] porque perder significa lidar com frustrações e não se abater com ela. Não se sair bem não significa ser incapaz. Reconhecer nossas falhas e limites é o primeiro passo para superá-los. Esse é um sentimento que surge muitas vezes na vida, nas situações diversas.

Os grupos foram se revezando após aproximadamente 10 minutos. Quando percebi que os alunos se acostumaram com a bola, comecei a lançar os desafios.

No primeiro desafio, os grupos participantes deveriam conseguir realizar 15 toques sem deixar a bola cair, caso caísse, zerava a contagem. Percebi que aumentou a motivação para manter a bola no ar. De acordo com Testa e Missaka (2016), outro fator importante é a motivação, pois interfere diretamente no desenvolvimento e fixação do aprendizado. O profissional de Educação Física (EF) tem que “encantar” (ou ainda “inspirar”) os alunos para as práticas esportivas. Esse encantamento se dá através de recursos pedagógicos como o jogo, a motivação e a atuação profissional (VENDITTI 2008). Após irem conseguindo, fui aumentando a número de toques para 20,30 e máximo. Teve grupo que conseguiu 62 toques consecutivos sem deixar a bola cair. Quando percebia que não estavam conseguindo atingir a meta, me propus a realizar 10 flexões de cotovelo com apoio no chão, caso os alunos atingissem a meta, e conseguiram. Tive que pagar a promessa, os alunos acharam o máximo.



Fig. 9. Voleibol gigante. Arquivo do autor



Fig. 10. Voleibol gigante. Arquivo do autor

A estratégia da aplicação do voleibol gigante se mostrou eficaz, visto que os alunos se movimentaram mais em quadra, realizaram mais ações antes que a bola caísse, entenderam a dinâmica do voleibol como um jogo coletivo. A leveza da bola e o tamanho contribuíram para que o número de acertos fosse infinitamente maior. Visto que ela demorava mais a cair e era mais fácil de acertar.

#### 5.4 Aula teórica sobre regras básicas do voleibol – atividade 3

Foi elaborada uma apostila sobre o voleibol, contendo algumas regras básicas sobre o funcionamento do esporte. Entre elas, início do jogo, instalações e equipamentos, participantes, formato do jogo, posições dos jogadores, substituições, toques da equipe, características dos toques, ordem do saque, execução do saque, especificidade do líbero, condutas incorretas e sanções. Para isso, foi utilizada uma explicação em sala de aula, com auxílio de quadro e pincel, onde foram realizadas anotações e desenhos no quadro. Alguns alunos foram convidados a ir até o quadro responder algumas perguntas orais e outros foram convidados a ir auxiliar, caso o aluno chamado errasse a resposta. Foi observado, que mesmo passando o trabalho para a criação do DVD contendo regras e fundamentos do voleibol, os alunos não pesquisaram o suficiente para obter os conhecimentos básicos sobre o voleibol de quadra. Foi observado que os estudantes estão acostumados a dividir o trabalho em partes, onde cada um fica responsável por determinado tema, não estudando os demais. Dessa maneira, o conhecimento fica fragmentado.

BETTI; ZULIANI (2002) defendem que não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto, é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprias), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo.

Na sequência, uma atividade escrita contendo 19 questões, foi direcionada aos alunos, sobre o conteúdo estudado e os mesmos pesquisaram na apostila as respostas.

#### **5.5 Vídeo sobre os movimentos técnicos específicos do voleibol – atividade 4**

Foi apresentado um vídeo sobre os fundamentos técnicos do voleibol, e apresentados os fundamentos saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. Cada continha explicação técnica dos mesmos, erros mais comuns. Existiam momentos que as imagens eram apresentadas em câmera lenta para um maior detalhamento.

Faz-se importante o uso de recursos tecnológicos em sala de aula e tais recursos facilitam a aprendizagem e a análise de movimentos tão complexos como são os do voleibol. Além disso, sabemos que nem todos os professores de educação física foram atletas ou já tiverem vivências suficientes para que possam realizar os movimentos do voleibol com a técnica mínima adequada. Esse vídeo então ajuda a ampliar o conhecimento sobre a prática do jogo e suas especificidades.

Na visão de Testa e Missaka (2016), a aprendizagem visual deve ser observada, uma vez que os estudantes também aprendem por observação ou imitação do comportamento alheio. Por isso, o movimento técnico específico pode ser apresentado pelo professor ou por meio de imagens, para que o iniciante compreenda o movimento.

## 5.6 Mini voleibol – atividade 5

Nesta atividade, os estudantes foram encaminhados à quadra para apresentação de como montar e regular a rede de voleibol.



Figura 11. Amarração da rede de voleibol. Arquivo do autor.

Com isso, ensinei os alunos a montar a rede para que em outros momentos, dentro ou fora da escola, pudessem saber armar uma rede da maneira mais adequada possível ao momento, local e participantes, cuidando da regulação da altura e fixação adequada nos mastros.

Os alunos foram apresentados ao minivoleibol, praticado com três ou quatro atletas em cada equipe. Com a aplicação do minivoleibol procuramos amenizar as dificuldades impostas pelo voleibol, que são bem mais complexas. De acordo com Greco (1998), apesar das vantagens do minivoleibol, são poucas as escolas que utilizam esta prática esportiva, fato este que acarreta prejuízos ao desenvolvimento esportivo dos alunos.

As ações mais complexas praticadas no voleibol, aqui, se tornam simplificadas, sendo igualadas ao estado de desenvolvimento dos jogadores (TESTA & MISSAKA, 2016).

Durante minha graduação na faculdade, não tive a oportunidade de conhecer o minivoleibol, e acredito também que os acadêmicos que passaram pela mesma universidade também não tiveram esse conhecimento, o que impacta negativamente o ensino do voleibol nas séries iniciais e nas séries finais do Ensino Médio.

O minivoleibol, ou vôlei reduzido, indica uma partida de voleibol tradicional, porém com situações mais simplificadas. É uma modalidade que ocorre livremente, sem muitas regras, mostrando gestos tradicionais aos alunos com idades entre 9 e 13 anos. O jogo também é praticado por adultos que estão começando a conhecer o voleibol (TESTA e MISSAKA, 2016). Devido aos alunos da turma analisada não terem tido ou não ter visto o voleibol na escola nas séries finais do ensino fundamental e o nível de conhecimento e de habilidades estar muito aquém do esperado, foi aplicado nas turmas o minivoleibol.

Já que a maioria dos estudantes não tiveram a vivência e experimentação no voleibol, resolvi introduzir esse jogo reduzido que é bem familiar ao voleibol tradicional.

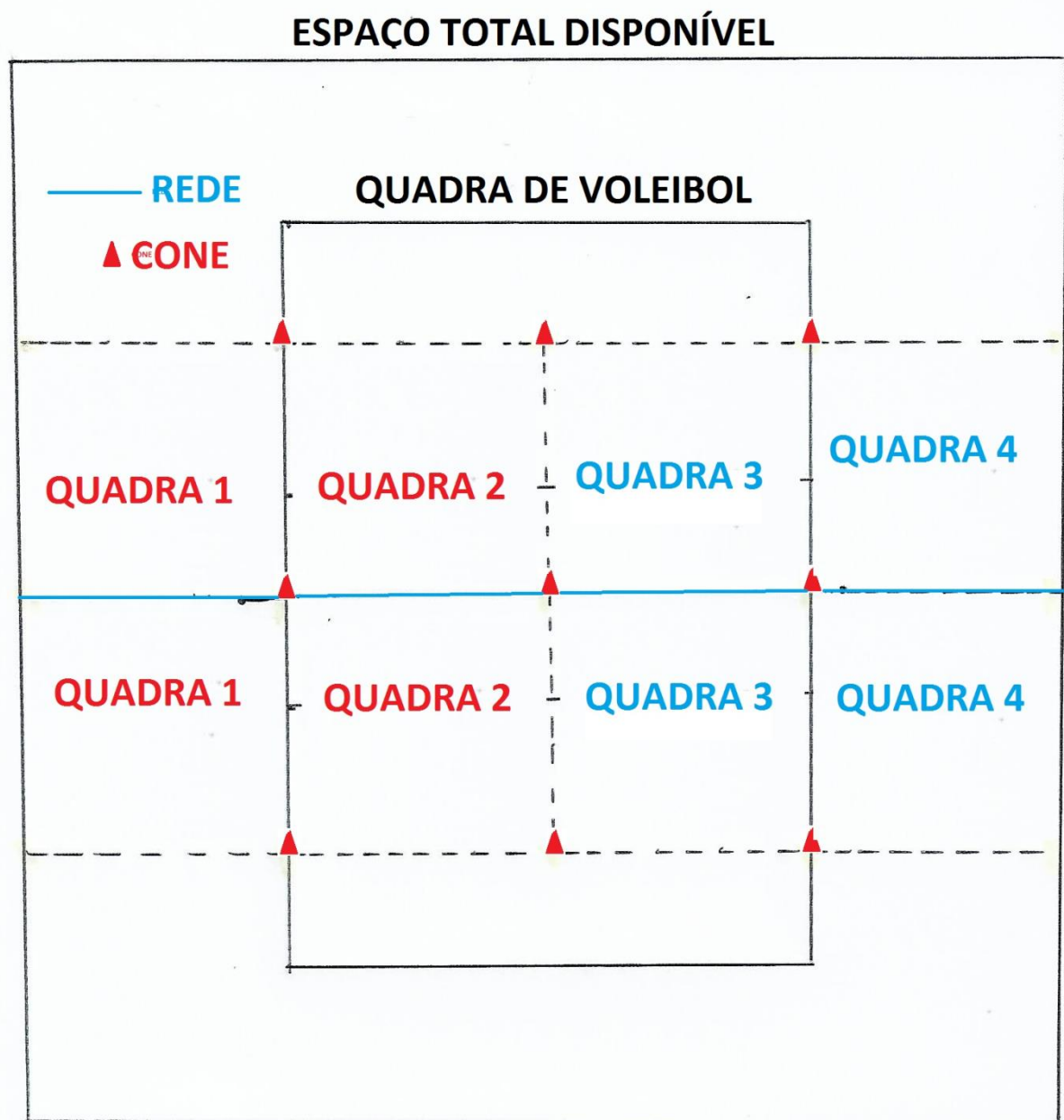
Ainda de acordo com Testa e Missaka (2016), em uma partida tradicional de voleibol (6x6), o número de ações motoras com bola realizadas por uma criança para tocar a bola é insuficiente para que ela realize uma jogada que promova a satisfação pessoal pela prática. O minivoleibol cobre essa desvantagem, dando liberdade à

criança para tocar a bola quantas vezes forem necessárias e, também, em um espaço menor para suprir o seu nível de aprendizagem.

O minivoleibol é apresentado ao mundo como um método eficiente e se mostra eficiente para a iniciação da prática do vôlei, isso foi percebido durante a intervenção feita nas aulas de educação física, se comparando com a utilização da quadra inteira como no jogo oficial.

Para a intervenção, a rede foi armada a uma altura de 2,00 metros e uma antena de voleibol foi utilizada para dividir a rede ao meio. Outra rede foi armada do lado de fora da quadra de voleibol, fixada no mastro e na tela de proteção da quadra. Cones foram utilizados para demarcar os limites de cada mini quadra, que ficou estipulado em uma dimensão de 6x4, 5 (6 metros de comprimento e 4,5 de largura).





Esquema 1. Distribuição de mini quadras pelo espaço disponível.

Sabe-se que, em muitas escolas públicas pelo Brasil afora, não há rede de voleibol, o que não pode ser impedimento para a prática da modalidade. A rede pode ser construída com corda de varal de roupa ou usar a criatividade com outros materiais semelhantes, que dão a ideia de uma rede divisória.

Expliquei aos alunos as posições básicas que cada um deveria jogar, sendo um no fundo, dois no ataque e um no levantamento. Também aproveitei para explicar sobre o rodízio 6x0, ou no caso, 4x0 de maneira prática, pois já havia explicado superficialmente em sala de aula. As regras foram flexibilizadas, no sentido de

estimular o sucesso dos alunos. Aqueles alunos que já dominassem os fundamentos toque e recepção poderiam utilizar normalmente.

O saque também foi facilitado para uma distância menor, mais próximo da rede. Não foi permitida a utilização da cortada, para que fosse facilitada a recepção e nem a utilização do bloqueio. Aqueles alunos que não tivessem segurança em realizar os fundamentos de toque e recepção poderia segurar a bola e na sequencia realizar a ação mais adequada.

Objetivando o desenvolvimento de um jogo que possua alguns elementos da modalidade esportiva e não o esporte propriamente dito, o que termina por envolver o grupo e transformar a antiga visão da aula de educação física em algo motivante e acessível aos indivíduos com os mais diferentes níveis de habilidade motora (MATTOS e NEIRA 2008). Caso a bola não fosse enviada adequada ao levantador, o mesmo poderia segurar a bola também e realizar a ação dando um segundo toque.

Ao total foram seis grupos jogando ao mesmo tempo, totalizando 24 pessoas. Foi solicitado que os alunos que participam do Projeto de Esportes em turno oposto, ajudassem os demais nas dificuldades e entendimento do jogo.

Percebi na atividade, que muitos alunos ainda não entendiam onde se posicionar, o que fazer quando a bola vinha para ele, qual ação realizar e para onde enviar a bola. Isso dificultava o bom andamento do jogo. Ao perceber isso, paralisava o grupo e explicava novamente onde se posicionar, as opções de fundamentos a ser utilizado e para onde enviar a bola quando chegasse neles.

O revezamento das equipes ocorria após alguns cinco minutos de prática para oportunizar a participação de todos os estudantes. A maioria dos alunos conseguiu realizar os fundamentos básicos do voleibol com alguma tranquilidade, mas ainda com pouca mobilidade em quadra, necessitando um pouco mais de mobilidade de membros inferiores.

A partir desses fatos BETTI; ZULIANI (2002) defendem que a Educação Física e seus professores precisam fundamentar-se teoricamente para justificar a comunidade escolar e à própria sociedade o que já sabem fazer, e, estreitando as relações entre teoria e prática pedagógica, inovar, quer dizer, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que a Educação Física siga

contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea.



Figura 12. Estrutura móvel. Arquivo do autor.



Figura 13. Distribuição de estudantes em quadra. Arquivo do autor.

Foram montadas quatro mini quadras de voleibol, com participação de oito alunos em cada quadra. O que possibilitou trinta e dois estudantes jogarem por vez, com poucos alunos ficando sem jogar, mas que poderiam estar envolvidos em outra atividade como contagem de pontos, árbitros, etc.

Novamente, as regras foram facilitadas, no sentido de estimular o sucesso dos alunos. Aqueles alunos que já dominassem os fundamentos toque e recepção poderia utilizar normalmente. O saque também foi facilitado para uma distância menor, mais próximo da rede. Não foi permitida a utilização da cortada, para que fosse facilitada a recepção, já a utilização do bloqueio foi permitida.

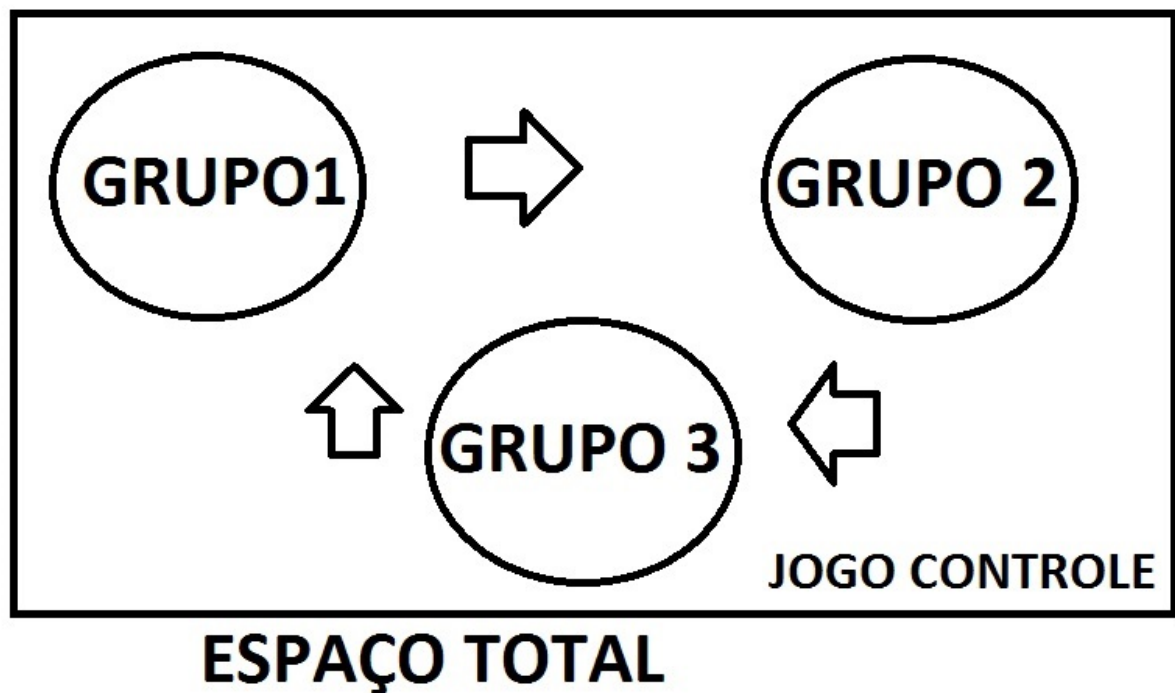
Percebeu-se que conforme a prática ia acontecendo, os estudantes compreendiam o formato do jogo, as posições básicas, funções de cada jogador, entre outras particularidades do voleibol.

O aprendizado do esporte constitui-se ao processo ensino-aprendizagem de técnicas e gestos automatizados, onde o professor é o único possuidor e dominador de conhecimento e o aluno apenas executa o movimento, reproduzindo-o sem compreender seu significado. Não basta somente saber fazer, é preciso fazer e compreender o que de fato possibilita a integração das ações intelectuais com as ações da prática corporal. Desta forma, o aspecto vivido é imaginado, refletido, e o refletido é transformado em expressões corporais (FREIRE, 1995).

### **5.7 Jogo “Controle” – atividade 6**

Para essa atividade, os alunos foram reunidos em círculo único e foi pedido aos estudantes que fizessem o movimento de manchete com os braços e permanecesse na posição até que o professor visualizasse a posição dos braços de todos os estudantes. Em seguida, o professor detectou erros e corrigiu os movimentos. Na sequência, foi solicitado aos alunos realizar o movimento/posição de “toque” e novamente o professor realizou as correções e explicou o movimento correto.

Em seguida, os estudantes foram orientados a formarem três círculos e uma bola foi disponibilizada para cada grupo de alunos. A tarefa consistia em que cada grupo realizasse 15 movimentos de toque ou manchete sem deixar a bola cair, numa proposta cooperativa. Foi flexibilizado que outro movimento fosse utilizado caso não se conseguisse executar os movimentos técnicos permitidos, porém a contagem não era computada até que a correção dos movimentos fosse realizada. Ao conseguirem completar a quantidade de movimentos propostos, um novo desafio foi realizado, passando-se a exigir 25 movimentos, 35, 45, e assim sucessivamente até o máximo que conseguissem.



Esquema 2. Distribuição de grupos pelo espaço disponível.

Ao se perceber um grupo com dificuldade em completar a tarefa, o professor fazia modificações nos componentes para que o grupo chegasse ao objetivo proposto. Então, um aluno que era considerado mais habilidoso, era retirado de um grupo e transferido para outro, a fim de auxiliar o grupo que não estivesse conseguindo.

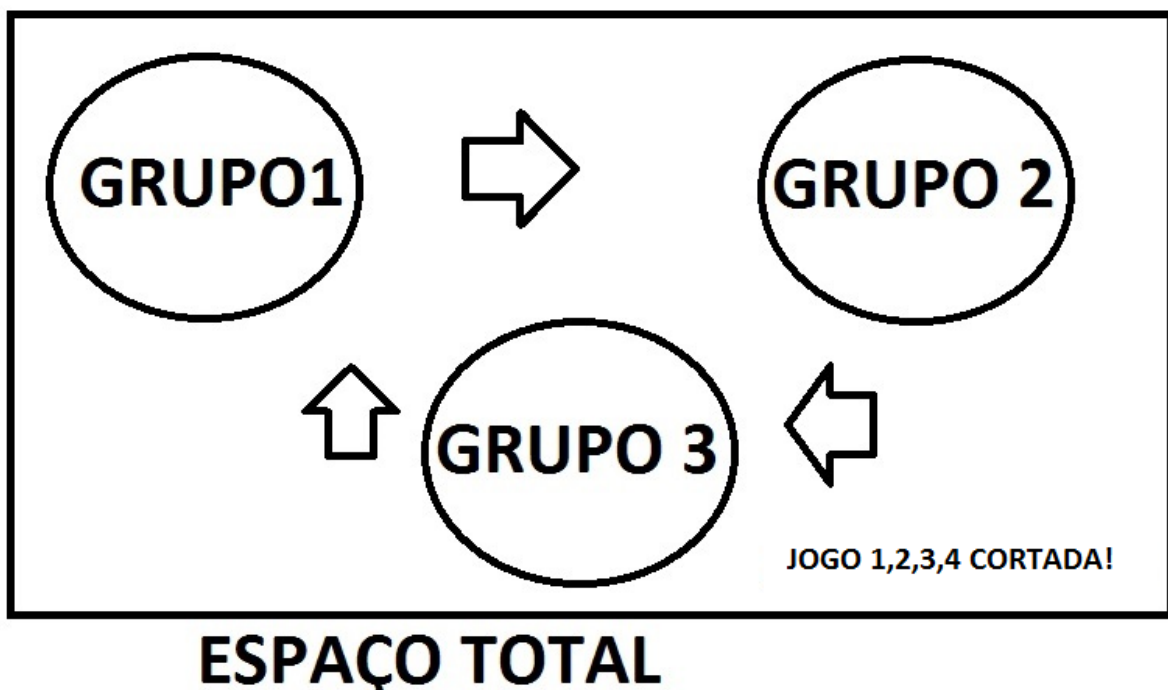
Na visão do Coletivo de Autores (1992), “o esporte enquanto tema da” cultura corporal, na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, deve ser tratada pedagogicamente, no âmbito escolar de forma crítica, deixando em evidência o sentido e o significado dos valores refletidos e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sociohistórico. Desta maneira, o conhecimento não desconsidera a necessidade do domínio dos elementos técnicos e táticos, porém não os centraliza como únicos e exclusivos conteúdos do método de aprendizagem.

### 5.8 Jogo “1,2,3,4 cortada!” – atividade 7

Esse jogo consistiu em dividir a turma em 4 grupos mistos, onde cada grupo recebeu uma bola de voleibol e formaram círculos. Após as orientações iniciais, os estudantes precisariam realizar quatro ações/movimentos que são comumente utilizados no voleibol. Sendo saque por baixo, manchete, levantamento e cortada, esta ação sendo a número 4, com objetivo de atingir um alvo, no caso desta atividade, o colega, a fim de fazer com que a bola tocasse nele e atingisse o chão na sequência.

Em algumas versões dessa atividade, a pessoa deixa o grupo quando é atingida e fica fora do jogo até que o jogo chegue ao final. Essa versão é muito ruim, pois o estudante fica parado do lado de fora sem participação alguma, saindo da proposta de uma aula dinâmica, inclusiva, otimizada para o máximo aproveitamento do tempo de movimento possível.

Cada aluno que ia sendo atingido deveria trocar de grupo em sentido horário, a fim de uma integração com outros grupos e para que, fugindo do modelo tradicional, não ficasse de fora do jogo sem fazer nada. Nessa atividade percebi que muitos alunos se inclinavam a realizar ações motoras que no jogo de voleibol tradicional não seriam permitidas, sendo assim, ficaram proibidas tais ações. Percebi também o uso de força exagerada por alguns meninos, os quais foram orientados a diminuir a intensidade das ações para que não ocasionasse lesões nos participantes.



Esquema 3. Distribuição de grupos pelo espaço disponível.

Esse uso exagerado da força é muito comum por parte de alguns meninos, principalmente num cenário aonde muitos ou todos vieram de escolas em que se separavam meninos e meninas, não dando espaço para atividades de coeducação.

Caso ocorra esse uso exagerado de força, será uma ótima oportunidade de paralisar o jogo e fazer reflexões sobre as diferenças biológicas entre meninos e meninas, sobre seguranças nas atividades esportivas, risco de lesões, entre outras possibilidades.

Muitos profissionais alegam que a prática de esportes na escola proporciona aos alunos a movimentação do corpo, a aprendizagem da responsabilidade, do companheirismo, do respeito e da participação. Será que essa concepção é real?

Este fato acontecido na atividade é recorrente e na maioria das vezes, há o desinteresse de muitos alunos, principalmente do sexo feminino, devido aos fatores negativos que ocorrem na prática das aulas, sendo um deles, o processo seletivo de alunos aptos para o padrão competitivo e a exclusão dos alunos que não conseguem o desempenho esperado em um determinado tempo.

Portanto, o grande desafio da proposta é tornar a aula mais atraente e cheia de significados. Os desafios poderão ser os mesmos, porém, com novos olhares. A Educação Física não deve ser apresentada somente como uma prática do esporte, mas também como uma disciplina que possui um programa didático-pedagógico dentro da concepção de ensino-aprendizagem.

### **5.9 Voleibol reduzido - Atividade 8**

À medida que os alunos foram se desenvolvendo, eles eram direcionados ao jogo de voleibol reduzido, que consistia em jogar quatro contra quatro, em uma quadra maior que a do minivoleibol, porém menor que a quadra do voleibol tradicional.

Para Mesquita (1998), uma estratégia é a execução do "jogo reduzido", que seria a diminuição do espaço de jogo, como também o número de jogadores. Os "jogos reduzidos" poderão variar de 1x1, 2x2, 3x3, 4x4, possibilitando maiores

contatos dos alunos com a bola, menores percursos da mesma, sequência das ações do jogo, interação entre os integrantes da equipe; propiciando como consequências aumento da motivação, melhores condições para realização de gestos técnicos e ações coletivas.

Ainda para essa mesma autora, é importante o professor detectar que nível de jogo o seu grupo está apresentando, pois facilitará para estruturação de novos procedimentos pedagógicos.

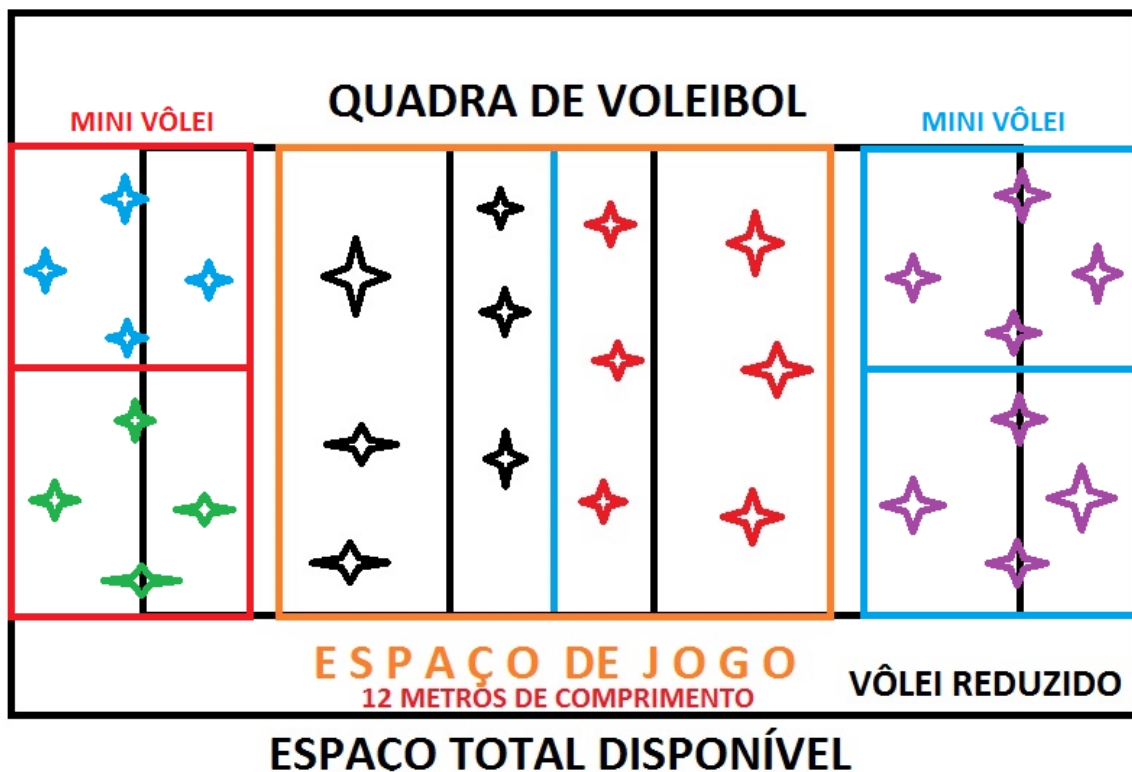
Entende-se haver dois tipos de rendimento, um deles é o rendimento máximo, aquele que está vinculado ao alcance de índices, quebra de marcas e de recordes, este realmente não se encaixa no ambiente escolar, essencialmente no trato da dimensão procedimental, vinculado aos alunos executarem os movimentos com elevado nível de exigência.

Todavia, há também o rendimento ótimo, este sim pode estar presente totalmente nas aulas de Educação Física. Esse rendimento caracteriza-se pela busca da aprendizagem na maior qualidade possível, obviamente sendo específico para cada aluno. COSTA e NASCIMENTO (2004) também reforçam a busca pelo rendimento ótimo nas aulas de Educação Física escolar. Os autores salientam que este tipo de rendimento não se caracteriza pela relação do esporte com o alto rendimento, mas sim, com o propósito de almejar a evolução na aprendizagem do aluno.

Para esta atividade foi utilizada a quadra de voleibol tradicional, com as marcações reduzidas no comprimento. Ao invés dos tradicionais 18 metros de comprimento, a quadra foi remarcada para 12 metros de comprimento, permanecendo a largura inalterada.

Ao redor da quadra de voleibol, as mini quadras permaneciam montadas, com demais alunos participando. Ao se perceber um avanço nas habilidades e no entendimento do jogo, os alunos do minivoleibol eram remanejados para a prática do voleibol reduzido.





Esquema 4. Distribuição de mini quadras pelo espaço disponível.

A rede ficou fixada a aproximadamente dois metros e cinco centímetros de altura, o que possibilitou o aparecimento de ações como bloqueio e cortadas. Alguns movimentos de dois toques, condução ocorriam ocasionalmente, mas não era paralisado o jogo, para valorizar o rally.

Para estimular os alunos a não deixar a bola cair, uma regra foi adicionada, assim sendo: a bola que caísse no chão, direto do saque sem tocar em ninguém, valeria dois pontos. Isso estimulou e motivou os alunos a se movimentarem mais rápido para não permitir que a bola caísse sem ao menos ser tocada.



Figura 13. Diálogo com os alunos ao final da aula. Arquivo do autor.



Figura 14. Alunos praticando. Arquivo do autor.

Em se pensando na vertente do por que e para que ensinar voleibol, procura-se discutir o conteúdo esporte como um meio e não tê-lo como um fim em si mesmo, bem como defende COLETIVO DE AUTORES (1992), onde apresentam algumas críticas sobre a utilização desse conteúdo com regras e normas relacionadas ao esporte desenvolvido em federações e confederações, tendo o objetivo direcionado para a aptidão física e a detecção de talentos.

Segundo Bracht (2000/2001), ao se referir sobre os conteúdos da Educação Física de forma pedagogizada, alerta para o fato de que a crítica à técnica esportiva não aponta para a sua retirada das aulas, mas sim a sua vinculação a novos objetivos educacionais a partir da ressignificação do próprio esporte.

### 5.10 O trabalho de campo desenvolvido pelos estudantes

Como dito anteriormente, foi passado outro trabalho de campo com os mesmos grupos que já foram previamente definidos, onde fizeram uma investigação sobre a prática de voleibol nos bairros de Teixeira de Freitas para detecção de lugares onde se efetivamente praticam o voleibol ou espaços públicos que se possam praticar durante o tempo livre, no turno vespertino, ou fins de semana. Os alunos fizeram o registro do que encontraram e trouxeram para o colégio onde fizemos uma análise da possibilidade ou não da prática do voleibol nos respectivos lugares.

Definidas as zonas ou bairros que cada grupo escolheu, foram desenvolvidas as atividades de campo. Os alunos do turno matutino se articularam para se encontrar e praticar o esporte, após terem participado de algumas aulas no colégio. Nesses encontros, os alunos registraram por meio de fotos e vídeos.

Durante esta etapa da pesquisa, os alunos vivenciaram a prática do voleibol em seu bairro ou zona, por um período de seis semanas, com duas sessões semanais, com duração de uma hora e quarenta minutos, fazendo relatório falado, por meio de áudio das atividades desenvolvidas.



Figura 15. Prática no clube APRATEF – Arquivo do autor

Na imagem acima vemos os estudantes praticando o voleibol em um clube da cidade. Fizeram as marcações na areia, dividiram as equipes. Após algum tempo, se reuniram para praticar os fundamentos do voleibol, de maneira isolada, devido a dificuldade que estavam apresentando.



Figura 16. Prática no Bairro Bela Vista – Arquivo do autor

Na imagem acima, vemos os estudantes praticando voleibol na praça do bairro Bela Vista, onde na ocasião, alunos três turmas diferentes estão reunidos em harmonia.



Figura 17. Prática no bairro Monte Castelo – Arquivo do autor

Na imagem acima, vemos as estudantes montando a rede em uma trave de um campo de futebol para praticarem voleibol. Uma baita criatividade dessas estudantes.



Figura 18. Prática no bairro Bela Vista – Arquivo do autor.

Na imagem acima vemos os estudantes reunidos para a prática do voleibol no bairro Bela Vista. Aproveitando da estrutura pública já montada.

Foi criado pelo pesquisador, um grupo de mensagens, utilizando o aplicativo WhatsApp para facilitar a comunicação com os grupos de estudantes. Desse grupo, fizeram parte dois integrantes de cada grupo de alunos, que são os “alunos líderes”. Eles tinham a função de informar no grupo, dia, local, turma e horário da prática. Os demais participantes, repassavam as informações para seus colegas de sala.



Figura 19. Prática na residência de um estudante – Arquivo do autor

Na imagem acima, vemos estudantes reunidos praticando o voleibol no quintal de casa, onde improvisaram uma quadra de voleibol, utilizando a criatividade.

Casagrande e Campos (2014) ressalta que não se pode pensar o ensino e o aprendizado apenas para futuros atletas, mas um aprendizado eficiente para todas as crianças e jovens, pois a eficiência constitui diferencial para a ampliação da motivação para o esporte de lazer e, conseqüentemente, para uma vida mais saudável.

No início houve muita dificuldade, pois grande parte dos estudantes tinham outras atividades no turno vespertino, como curso, trabalho remunerado, dificuldade de transporte até o local das práticas. Foi então que tive a ideia de flexibilizar os grupos para que os estudantes não se apegassem a seu grupo previamente definido, e sim que buscassem entre as 18 possibilidades, aquele local e horário que mais lhe fosse conveniente, inclusive aos sábados e domingos. Então, a integração entre os participantes do estudo foi espetacular, os alunos de várias séries começaram a se misturar e jogar juntos, inclusive estudantes de outros colégios, quando tinha vaga.



Figura 20. Prática no bairro Urbis- Arquivo do autor.

Na imagem acima vemos os estudantes reunidos na praça do bairro Urbis praticando o voleibol

GRECO (1998) reforça que a aprendizagem pode ser compreendida como a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação; a aprendizagem está ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo que exige a apresentação de uma alternativa pedagógica, em que o jogo, na sua ideia básica, não seja alterado.

A expectativa da perspectiva da Educação Física escolar é objetivar a reflexão focada na cultura corporal, Coletivo de Autores (1992). Desenvolvendo uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com a apropriação, enfatizando assim, a total liberdade de expressão dos movimentos.

A realidade vivenciada nas aulas de Educação Física é consolidada no espaço da quadra e utilizando materiais didáticos. Porém, deparamo-nos com determinadas dificuldades, principalmente nas escolas públicas, pois não possuem quadras adequadas para o uso, piso regular e cobertura; bolas em geral para a prática das modalidades e outros utensílios específicos utilizados para a modificação do planejamento escolar padrão, ou seja, aplicar os demais conteúdos propostos pela Educação Física.

Segundo Betti (1999), é necessário o professor de Educação Física adquirir uma nova didática de ensinar o esporte abordando a teoria (cognitiva, social e cultural). Ainda o autor refletindo sobre o trecho descrito acima e reforçando o fato do

esporte ser implantado nas aulas de Educação Física, ressaltamos a importância do papel do professor em relação à aplicação das atividades esportivas, a função de promover o entendimento dos vários sentidos que os jogos esportivos possam ter a resolução de conflitos que possam surgir em sua realização e a compreensão, e até, alteração de suas regras.

O pesquisador visitou periodicamente cada local de prática para o acompanhamento das atividades nos bairros, também fazendo registros e auxiliando na execução das atividades, esclarecendo dúvidas que surgiram sobre o esporte.

Entendeu-se que o método da pesquisa-ação foi apropriado para esta pesquisa, entretanto ressalta-se que o mesmo não trabalha com dados quantitativos. Portanto, na análise dos resultados mostrou-se necessária uma subjetividade por parte do pesquisador para desenvolvimento do estudo.

No início, foi muito difícil convencer os estudantes que estavam habituados a fazer trabalhos e pesquisas apenas escritas, apresentar seminários em sala, fazer cartazes e aqueles modelos tradicionais que todos conhecemos. Porém, à medida que os estudantes foram vendo que era um trabalho relevante para eles, para mim e para possíveis outros professores, eles aderiram à proposta. Eles observaram também que tudo estava bem planejado didaticamente para culminar na aprendizagem deles. Todo o passo a passo, desde a atividade de sondagem, assinatura dos termos, passando pela divisão dos grupos, distribuição gratuita de material didático como bolas e redes, aulas dinâmicas no colégio, flexibilização de horários para estudantes trabalhadores, entre outras ações. Tudo foi preparado cuidadosamente.

O fato de eu também fazer as visitas periódicas aos locais de prática contribuiu para a aceitação da proposta pelos estudantes. Eles perceberam que não estavam sozinhos, e estavam muito focados em realmente aprender o esporte.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo buscamos trazer para a Educação Física Escolar reflexões de uma possível transformação dos métodos da prática pedagógica no ensino do esporte, que ano após ano é vivenciada sem modificações, interferindo diretamente na aprendizagem cognitiva, afetiva e motora dos alunos.

Entendemos que a Educação Física Escolar pode ser trabalhada com atividades que expressem todas as dimensões do ser humano, buscando desenvolver e orientar diversos conteúdos, neste caso específico o esporte, no qual sua inserção nas aulas são indicados e definidos por autores que criticam o método tradicional.

Observamos também, um fator importante para que haja essas esperadas transformações, a necessidade dos professores se submeterem a novas propostas de capacitação para a área da Educação Física, e, que estejam preparados para a aceitação de mudanças dentre os demais fatores existentes para esta importante conquista.

Sugerimos a aplicação de uma proposta mais ampla a partir da pedagogia do esporte, para que as aulas possam ser redimensionadas e o aluno vivencie práticas diferenciadas que contribuam para seu aprendizado, com diversos materiais, locais e processos, incrementando a criatividade.

Diante dos resultados, observou-se a importância da escolha de uma metodologia que alie as necessidades dos alunos à intervenção do professor. Ainda nesse processo foi organizado e desenvolvido um manual para estudantes e professores que pode apoiar suas práticas pedagógicas no ensino do esporte.

O Mestrado Profissional proporcionou constante reflexão sobre a prática pedagógica. Antes eu achava que os estudantes deveriam sair da série sabendo todas as regras oficiais do esporte institucionalizado, como se posicionar em quadra, realizar os fundamentos com a mínima perfeição, ou que o esporte na escola deveria seguir as regras do esporte oficial, entre outras especificidades. E a partir da busca na literatura, das reflexões com os colegas, ensinamentos dos professores, meus olhos se abriram para novas possibilidades e estratégias pedagógicas.

Por muitas vezes, pensei em desistir do mestrado, ia para o encontro como se fosse o último e já pensando em me despedir dos colegas. Mas quanto mais conhecimento acadêmico eu aprendia, quanto mais participava de rodas de reflexões e discussões, eu via que não podia parar. Então voltava de lá cheio de ideias, motivado a fazer o novo, tentar o diferente, experimentar e reinventar minha prática. O mestrado me deu uma visão mais ampliada de onde e como buscar esses novos caminhos metodológicos para o ensino da educação física na escola.

É preciso que essa proposta avance para um diálogo com a câmara de vereadores, para a implantação de polos esportivos nos bairros, criação de espaços próprios para prática esportiva por toda a cidade e a contratação de monitores junto as universidades e faculdades do curso de Educação Física.

Os estudantes precisam também se organizar para cobrar das autoridades a garantia de esporte para todos, assim como espaços adequados e seguros para tais práticas, rumo ao exercício da cidadania.

Um grande destaque para as meninas que assumiram o protagonismo nas atividades de liderança, organização, gestão dos horários. Elas que eram a maioria no projeto de voleibol extraescolar, também foram as principais agentes de organização das atividades no turno oposto, até mesmo auxiliando meninos que sabiam menos que elas. Percebo que esse protagonismo feminino mobiliza outras meninas a quererem participar também das atividades esportivas, sejam elas quais forem.

Em relação à avaliação, foi realizado uma avaliação quantitativa teórica, sobre conhecimentos sobre o voleibol, que é uma exigência da instituição de ensino. O trabalho de campo também valeu nota para integrar a pontuação exigida para aprovação. Além disso, teve atividade escrita com consulta ao material didático que compôs o total de pontos previstos na unidade didática. Ainda não menos importante e diariamente era realizada uma avaliação qualitativa, impossível de se quantificar, mas que era visível na aprendizagem dos estudantes. O olhar atento do professor na qualidade da prática, na organização do jogo, posicionamento, ações realizadas, movimentos executados ao longo das práticas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. de. **Basquetebol: iniciação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

AZEVEDO JUNIOR, M. R.; ARAÚJO, C. L. P; PEREIRA, F. M.; **Atividades físicas e esportivas na adolescência**: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.1, p.51-58, jan./mar. 2006.

BAACKE, H. **Mini volleyball**. In: CONFEDERAÇÃO Brasileira de Voleibol. Manual do Treinador. Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos; Subsecretaria de Desportos, 1972.

BARROSO, A.L.R. & DARIDO, S.C. **Voleibol escolar**: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.179-94, abr./jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Voleibol Escolar** : Estudo de Propostas Metodológicas. Disponível em : <http://cev.org.br/biblioteca/o-voleibol-escola-estudo-propostas-metodologicas/> acesso em 28/03/2020

BETTI, I. C. R; **Esporte na Escola**: mas é só isso professor ? Motriz – Volume 1, Número 1, 25 -31, junho/1999

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.1, n.1, p. 73–81, junho, 2002.

BORGES, R. MACHADO [ et al.].**Diálogos sobre o ensino dos esportes**: formação continuada por meio da pesquisa-ação. Movimento, Porto Alegre, v.23, n.3,p.1025-1038,jul/set. de 2017.

BORGES, S. L.; **Metodologias de Ensino dos Esportes Coletivos na Iniciação Esportiva Escolar em Atividades Extracurriculares**. Vitrine Prod. Acad., Curitiba, v.3, n.1, p.183-192, jan./jun. 2015.

BRACHT, V.[ et al. ]. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003. 128 p.

BRACHT, V; GONZÁLEZ, F. J.; **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126p.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Parâmetros Curriculares Nacionais:Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio** – Área Linguagens e Códigos. Brasília,1999.

CASAGRANDE C. G; CAMPOS L. A. SILVA. **Esportes Coletivos**: análise na utilização dos métodos de ensino e treinamento no contexto da prática da educação física. Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol. 13, n. 1, 2014.

CLAZER, P. C. S.; GUAITA, N. R. **O voleibol nas aulas de educação física**: um estudo para o Programa de desenvolvimento educacional – PDE. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1123-4.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2020

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COUTINHO, N. F; SILVA, S. A. P. dos S.; **Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física**. Rev. Movimento Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 123-150 janeiro/março de 2009.

DAOLIO, J. **Jogos Esportivos Coletivos**: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília v. 10, n. 4, p. 99-104, out. 2002.

DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B.; **Pedagogia do esporte e das lutas**: em busca de aproximações. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.; **Educação Física na Escola**: implicações para a prática pedagógica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

\_\_\_\_\_ **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FARTO, E. R.; LA ROSA, A.F. De; **Treinamento Desportivo**: Do Ortodoxo ao Contemporâneo. São Paulo : Phorte, 2007.

FREIRE, J. .B. **Pensando a educação motora**. São Paulo, Campinas: Papirus, 1995.

GALATTI, L.; SCAGLIA, J.A.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte**: contextos, evolução e perspectivas. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, n.5, p.171, 2006.

GALATTI, L. R et al; **Pedagogia do Esporte**: Tensão na Ciência e o Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. Rev. Educ. Fís/UEM, v. 25, n. 1, p. 153-162, 1. trim. 2014.

GINCIENE, G; IMPOLCETTO, F M; **Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede**: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol Revista brasileira Ciência e Movimento 2019; 27(2):121-132.

GONZÁLES, F,J; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Núcleo de Educação Aberta e a Distância, Vitória: UFES, 2012. 126 p.

GRAÇA, A. **Os comos e os quando no ensino dos jogos**. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos* (pp. 27-34). Centro de estudos dos jogos desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto: (1994).

GRECO, J.P.; BRENDA, R. N.(Org.). **Iniciação esportiva universal: 1. da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

GRECO, P.J. **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos**. In: GARCIA, E.S; LEMOS, K.L.M. Temas atuais VI – Educação física e esportes. Cap. 3, p. 48-72. Belo Horizonte: Health, 2001.

IMPOLCETO FM, DARIDO SC. **O “Estado da Arte” do voleibol e do voleibol na escola**. R. bras. Ci. e Mov 2016;24(4):175-186. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5581/pdf> . Acessado em 3 de março de 2020

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. dos S; JÚNIOR, J.M.F; **Estratégias para Ensinar Esporte nas Aulas de Educação Física: Um estudo na cidade de Aparecida-SP**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 28-46, julho/2017.

MESQUITA, I.; GRAÇA, J. PEREIRA, F. **O conteúdo substantivo da informação e as tarefas de treino no contexto do voleibol juvenil**. Revista de Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte. Vol. 4, n. 2, pp. 185-200.

Mesquita, I. e Graça, A. (2002a). A perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino dos jogos desportivos. *Cultura e contemporaneidade na educação física e desporto. E agora?* Coleção Prata da Casa (Edição especial), 133-139.

MESQUITA, I. **O ensino do voleibol**. Proposta metodológica. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. 3ª edição. Universidade do Porto, 1998. p. 153-199.

OLIVEIRA, P. de S. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce**. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R. D. de S. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

\_\_\_\_\_ **A pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos**. In: DE ROSE JÚNIOR, D. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIRA, C. A. B. et al. **A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico.** Conexões: revista da faculdade de educação física da unicamp, campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, out./dez. 2015. Issn: 1983-9030.

PEREIRA J; CASAROTTO J. V; **ESPORTE E EDUCAÇÃO:** as contribuições pedagógicas do voleibol nos anos finais do ensino fundamental. Revista da Saúde da AJES, Juína/MT, v. 4, n. 7, p. 15 – 31, Jan/Jun. 2018.

PRESTES, M. L. De M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico:** do planejamento aos textos, da escola à academia. 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2012. 312 p.

REVERDITO RS, Scaglia AJ. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão.** São Paulo: Phorte 2009. 264p.

RUBIO, K. (org.) **Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SCAGLIA, A.J.**O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico.** Porto Alegre: Movimento,v. 19, n. 04, p. 227-249, out/dez de 2013.

SCAGLIA, Alcides José. Jogo: um sistema complexo. *In:* FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. **O jogo dentro e fora da escola.** Campinas: Autores Associados, 2005. p. 37-

SCAGLIA, Alcides José *et al.* A organização do processo de ensino em função da lógica do jogo e das competências essenciais para a aprendizagem dos jogos coletivos de invasão. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 11, supl. 4, p. 89, 2011.

SCHMIDT, A. S.; WRISBERG. C. A. **Aprendizagem e performance motora.** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 352.

SILVA, J. A. **A prática de voleibol na escola: investigação sobre a relação ensino aprendizagem das habilidades básicas do voleibol.** 54 f. 2014. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, Polo Duas Estradas-PB, Duas Estradas-PB, 2014.

SILVA,P. M. da; JUNIOR, M. R. de Azevedo; **Métodos de Ensino dos Esportes Coletivos Utilizados Durante o Estágio de 6º ao 9º ano.** Disponível em : <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces> ISSN: 2317-7136 Acessado em 27 de julho de 2019.

SULLIVAN, J. A.; ANDERSEN, S. J. **Cuidados com o jovem atleta:** enfoque interdisciplinar na iniciação e no treinamento esportivo. Barueri, SP: Ed. Manole – 2004.

TENROLLER, C.A. **Handebol: Teoria e prática.** 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

TESTA, R. G.; MISSAKA, I. R. da S. **Metodologia do Ensino do Voleibol**. Londrina: Editora e distribuidora Educacional S.A., 2016. 168 p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TUBINO, M. J. G. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI**. In: GEBARA, A.; MOREIRA, W. W. (Org.). Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. 9. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 125-139.

VENDITTI, R. Jr; SOUSA, M. A. **Tornando o “jogo possível”**: Reflexões Sobre A Pedagogia Do Esporte, Os Fundamentos Dos Jogos Desportivos Coletivos E A Aprendizagem Esportiva. PENSAR A PRÁTICA 11/1: 47-58, jan./jul. 2008.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999. 740 p., p. 515-35 / 552-62.

## ANEXOS

### ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O(a) seu(a) filho(a) \_\_\_\_\_  
está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **Proposta Metodológica para o Ensino do Voleibol Escolar: possibilidades de intervenção na prática pedagógica. Desenvolvida no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa. Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Aprovado pelo Comitê de Ética de acordo com o CAE 12976619.6.00005542** , que poderá ser acionado para o caso de denúncia e/ou intercorrência na pesquisa. O estudo tem como objetivo propor uma metodologia para ensino do voleibol para estudantes do ensino médio. A participação deles nessa pesquisa consiste na aplicação de um questionário, participação nas aulas de educação física e em alguns momentos extra-escolar, onde deverão realizar uma pesquisa nos bairros onde residem. Os riscos em participar do estudo são baixíssimos, entretanto o participante pode se machucar ou sentir algum desconforto físico nas aulas de educação física e/ou nos momentos extra-escolar. Nos momentos extra-escolar, serão desenvolvidas em grupos próximo às suas residências, duas vezes por semana, com duração de 1 hora e 40 minutos, durante 4 semanas, totalizando 8 encontros com prática de voleibol. Para amenizar os riscos, serão designados e autorizados adultos para supervisão das práticas. As atividades na escola e fora da escola serão filmadas e garantido o sigilo e privacidade daqueles que não autorizarem o uso de imagem e voz. Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, será garantido também o ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa.



Dentro dos benefícios da participação nessa pesquisa posso citar a aquisição de conhecimentos da cultura corporal de movimento, relacionado ao voleibol, no tocante a fundamentos técnicos, táticos, treinamento esportivo. Também beneficiará aos participantes a vivência prática do voleibol dentro e fora do ambiente escolar, possibilitando a interação com jovens da comunidade, na busca da autonomia para uma vida mais ativa e saudável no tempo de lazer e fortalecendo laços de amizade.

Sua participação faz parte de uma pesquisa da disciplina de Educação Física, do Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, ministrada pelo professor de Educação Física Ueder Moreira Magalhães.

O termo será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pelo pesquisador e pelo responsável pelo estudante, o qual ficará com uma delas constando o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Os professores, pesquisadores e alunos se beneficiarão da pesquisa, no sentido de serem protagonistas da construção de um Guia Didático para ensino do voleibol nas escolas.

Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com o pesquisador: Ueder Moreira Magalhães, (073) 9996-9330, e e-mail: [uederueder@hotmail.com](mailto:uederueder@hotmail.com) Caso queira fazer alguma denúncia ou haja alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, CEP -29060-970. Tel: (27) 3145-9820. E-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com).

Desde já agradecemos!

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira  
Magalhães

Orientando: Ueder Moreira

Universidade Federal do Espírito Santo

Espírito Santo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo em liberar o estudante a participar do estudo, sabendo que dele poderei

desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Nome do responsável pelo Participante:

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

Pesquisador: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

## ANEXO B – Termo de Assentimento Aluno



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS TERMO DE ASSENTIMENTO

O(a) Sr.(a) está sendo convidado a participar da pesquisa: **Proposta Metodológica para o Ensino do Voleibol Escolar: possibilidades de intervenção na prática pedagógica. Desenvolvida no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa. Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Aprovado pelo Comitê de Ética de acordo com o CAE 12976619.6.00005542** , que poderá ser acionado para o caso de denúncia e/ou intercorrência na pesquisa, esta tem como objetivo propor uma metodologia para ensino do voleibol para estudantes do ensino médio. Sua participação nessa pesquisa consiste em responder um questionário de múltipla escolha, a participação nas aulas de educação física e em alguns momentos extra-escolar, onde deverão realizar uma pesquisa nos bairros onde residem. Os riscos em participar do estudo são baixíssimos, entretanto o participante pode se machucar ou sentir algum desconforto físico nas aulas de educação física e/ou nos momentos extra-escolar. Nos momentos extra-escolar serão desenvolvidas em grupos próximo às suas residências, duas vezes por semana, com duração de 1 hora e 40 minutos, durante 4 semanas, totalizando 8 encontros com prática de voleibol. Para amenizar os riscos, serão designados e autorizados adultos para supervisão das práticas. As atividades na escola e fora da escola serão filmadas e garantido o sigilo e privacidade daqueles que não autorizarem o uso de imagem e voz. Segundo a resolução 466/12 é garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de dano decorrente da pesquisa, será garantido também o ressarcimento em caso de despesa para participação na pesquisa.

Dentro os benefícios da participação nessa pesquisa posso citar a aquisição de

conhecimentos da cultura corporal de movimento, relacionado ao voleibol, no tocante a fundamentos técnicos, táticos, treinamento esportivo. Também beneficiará aos participantes a vivência prática do voleibol dentro e fora do ambiente escolar, possibilitando a interação com jovens da comunidade, na busca da autonomia para uma vida mais ativa e saudável no tempo de lazer.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a participar da pesquisa e ter preservada sua imagem e voz. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados. O termo será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as suas páginas pelo pesquisador e pelo participante, o qual ficará com uma delas constando o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Caso necessite de esclarecimentos sobre a pesquisa, o contato poderá ser feito com o pesquisador: Ueder Moreira Magalhães, (073) 9996-9330, e e-mail: [uederueder@hotmail.com](mailto:uederueder@hotmail.com) Caso queira fazer alguma denúncia ou haja alguma intercorrência na pesquisa, você poderá acionar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras que fica no Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, sala 07, Campus Universitário de Goiabeiras - Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, CEP -29060-970. Tel: (27) 3145-9820. E-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com)

Desde já agradecemos!

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira  
Magalhães

Orientando: Ueder Moreira

Universidade Federal do Espírito Santo

Espírito Santo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE ASSENTIMENTO** e estou de acordo em participar do estudo, participando das atividades propostas, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

Pesquisador: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

## ANEXO C – Termo de Autorização de Pesquisa no Colégio



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO - NTE 07  
COLÉGIO ESTADUAL DEMOCRÁTICO RUY BARBOSA



Secretaria  
da Educação

RUA LEUR LOMANTO, S/Nº, BAIRRO BELA VISTA

TEIXEIRA DE FREITAS – BA      TEL - 3292 6999      25 de março de 2019.

Ao Senhor Diretor Jairo Anísio Vieira Silva

Ueder Moreira Magalhães, aluno, regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do professor Dr. Ubirajara de Oliveira, vem solicitar autorização de pesquisa de dissertação junto ao Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa.

Título da pesquisa: **PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Possibilidades de intervenção na prática pedagógica.**

- **Objetivo:** Propor uma estratégia de ensino do voleibol para estudantes do ensino médio em uma escola pública do interior da Bahia.

Materiais e métodos: questionário/filmagens/aulas práticas;

Período: 2019

Informamos também que todos os cuidados serão tomados em observância ao disposto na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que define e regulamenta diretrizes para realização de pesquisa envolvendo seres humanos.

Sendo só para o momento, reinteramos admiração, respeito e estima enquanto aguardamos deferimento oficial.

Atenciosamente,

UEDER MOREIRA MAGALHÃES  
CPF 013.674.115-05

PROF. DR. UBIRAJARA DE OLIVEIRA  
Orientador de Pesquisa

Autorizamos a realização de pesquisa com nossos alunos do Ensino Médio para, especificadamente, a confecção da dissertação do aluno Ueder Moreira Magalhães.

---

Jairo Anísio Vieira Silva  
Diretor

## ANEXO D - Termo de Autorização de Uso de imagem e voz



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO - NTE 07  
**COLÉGIO ESTADUAL DEMOCRÁTICO RUY BARBOSA**



Secretaria  
da Educação

RUA LEUR LOMANTO, S/Nº, BAIRRO BELA VISTA

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

TEL - 3292 6999

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS E DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu \_\_\_\_\_, Portador de RG  
nº \_\_\_\_\_ responsável legal do menor  
\_\_\_\_\_, aluno do \_\_\_\_\_ ano,  
turma \_\_\_\_\_, do **Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa**, **AUTORIZO** o  
uso de imagem e voz do aluno acima citado, em material de divulgação e registro da  
pesquisa de Dissertação de Mestrado em Educação Física do mestrando Ueder  
Moreira Magalhães. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo  
o uso de imagem e voz em todo o território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima  
descrito sem que nada haja a ser reclamado.

Teixeira de Freitas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

---

Assinatura do Responsável legal.

## APÊNDICE

Título da pesquisa: **PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Possibilidades de intervenção na prática pedagógica.**

### QUESTIONÁRIO

1-Considerando o voleibol de quadra, com rede e regras básicas, você já participou de um jogo de voleibol na escola?

( ) sim ( ) Não

2- Os esportes possuem os fundamentos técnicos, no futebol por exemplo, temos o chute, o drible, o passe, etc. Você conhece os fundamentos técnicos do voleibol?

( ) sim ( ) não

3- Você conhece as regras básicas do voleibol (altura da rede, número de sets, dimensões da quadra, infrações, número de toques permitidos por jogador e equipe ) ?

( ) sim ( ) não

4- Já jogou voleibol fora do ambiente escolar, no seu tempo livre?

( ) sim ( ) não

5- Dos esportes coletivos praticados na escola, qual deles é o seu favorito?

( ) futsal ( ) handebol ( ) voleibol ( ) basquete ( ) nenhum deles

6- Gostaria de praticar algum esporte em ambiente público no seu tempo livre?

( ) sim ( ) não

7- Você pratica algum esporte quando não está na escola?

( ) sim ( ) não Qual? \_\_\_\_\_

8- Em seu bairro possui lugar público onde se joga voleibol?

( ) sim ( ) não